



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso:

O uso do telefone celular incorporado ao fazer telejornalístico

Gabriel Luiz e Silva de Araújo

Orientadora: Dr^a. Maria Letícia Renault C. de Abreu de Souza

Brasília – DF

Dezembro/2014



Universidade de Brasília
Faculdade de Comunicação
Departamento de Jornalismo

Trabalho de Conclusão de Curso:
O uso do telefone celular incorporado ao fazer telejornalístico

Gabriel Luiz e Silva de Araújo

Trabalho apresentado ao Curso de Comunicação Social, da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo, sob orientação da Professora Dr^a. Maria Letícia Renault C. de Abreu de Souza.

Brasília – DF

Dezembro/2014

Trabalho de Conclusão de Curso:
O uso do telefone celular incorporado ao fazer telejornalístico

Gabriel Luiz e Silva de Araújo

Orientadora: Professora Dr^a. Maria Letícia Renault C. de Abreu de Souza

Brasília, 3 de dezembro de 2014

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Professora Dr^a. Maria Letícia Renault C. de Abreu de Souza

Professora Pós- Dr^a Susana Madeira Dobal Jordan

Professor Dr. David Renault da Silva

Suplente: Professor Dr. Fernando Oliveira Paulino

AGRADECIMENTO

Assim como no jornalismo nada se faz sozinho, pessoas e instituições essenciais tiveram participação importante neste trabalho, que representa o fim de uma jornada acadêmica de quatro anos.

Agradeço à minha mãe, Cacia Attias, por me preparar desde pequeno a sonhar alto e a correr atrás daquilo que eu amo, sem conformismo. Agradeço ao meu pai, Wilton Araújo, por me ensinar a ter foco e planejamento na minha vida. Sou grato também a Leonel Attias pela visão de mundo e todas as oportunidades que me proporcionou. Também agradeço ao restante da minha família, principalmente minhas avós e meu avô pelo afeto de sempre.

À Universidade de Brasília (UnB), que na essência é um local onde jovens utópicos aprendem a ter uma visão mais clara sobre a vida, muito além da profissão que almejam empreender. Sou grato a todos os professores pelos quais passei na UnB, principalmente Zélia Adghirni, Nélia Del Bianco, Susana Dobar, Célia Matsunaga, Dione Moura, Paulo Paniago, David Renault e Fernando Paulino.

Tampouco poderia deixar de mencionar todas as escolas que contribuíram, e muito, para minha formação: École Paul Cézanne, Lycée Descartes, Lycée François Mitterrand e Escola Marista de Natal. A vocês, meu muito obrigado.

À minha orientadora, Letícia Renault, que leva “orientar” no sentido literal da palavra. Obrigado por me guiar em todas as minhas dúvidas, apontar o caminho e a sempre incentivar os seus alunos.

Agradeço à equipe de Cidades do Correio Braziliense e à Rádio CBN em Brasília por todos os ensinamentos que pude extrair em tão pouco tempo. Sou extremamente grato à Globo Brasília. Estagiar lá foi mais do que um sonho realizado. Foi a possibilidade de conviver com profissionais que sempre admirei e pertencer a uma equipe preocupada em fazer jornalismo sério. Obrigado a Pedro Godoy, Marlon Herath, Maria Fernanda Erdelyi, Joelma Chaves, Gerson Camarotti, Fausto Siqueira e Fausto Carneiro por acreditarem em mim e me conferirem — gigantes — responsabilidades. Graças a vocês, tive a oportunidade de cobrir fatos marcantes, como as consequências do Mensalão, CPI da Petrobras, Copa do Mundo, Eleições, o sequestro do hotel St. Peter, julgamento do Arruda, epidemia de ebola, dentre outros acontecimentos, ao longo de um ano. Sem dúvida, a melhor escola prática para um aspirante a jornalista.

Finalmente, minha segunda família em Brasília, certamente, foram as amigas. Existem aquelas que sobrevivem à distância. Laura Kyvia, Marcel Setúbal, Wellington Júnior e Juliana Alves, muito obrigado pela paciência e carinho que têm. Há também as amigas que se concretizaram na capital federal. Minhas incríveis companheiras Ingrid Borges e Nadjara Martins, vocês me ensinam a cada dia que eu sempre tenho de me lembrar do lado humano no jornalismo. Nunca vou me esquecer disso. Vocês me põem no chão e evitam que eu funcione no piloto automático. Só tenho a agradecer pela amizade de vocês. Obrigado à minha parceira Laura Tizzo, que me lembra sempre de que tudo é possível de ser feito com leveza e brilhantismo igual ao dela. Agradeço também a Nívea Ribeiro por ser um exemplo de dedicação e competência. Farei questão de batalhar por todas as amigas citadas aqui.

“Curiosidade não pode faltar àquele que um dia pretende ser jornalista.”
(William Bonner, 2009)

RESUMO

Este trabalho analisou reportagens que o repórter de política Gerson Camarotti produziu por meio do telefone celular para o canal de televisão a cabo GloboNews. A partir de uma revisão teórica do conceito de telejornalismo, de imagem e de dispositivos móveis, buscou-se compreender de que forma imagens feitas pelo telefone celular foram incorporadas ao telejornalismo, estudando o caso do Jornal das Dez, na GloboNews. O conteúdo da análise, espaçado no tempo, permitiu observar mudanças no tratamento dado pelo canal ao conteúdo registrado graças ao telefone celular.

Palavras-chave: telejornalismo, telefone celular, dispositivos móveis, GloboNews, Gerson Camarotti.

ABSTRACT

This study analysed reports produced by Gerson Camarotti, a politics reporter, with his mobile phone for GloboNews, a cable TV channel. From a theoretical review of journalism on television, pictures, and mobile devices concepts, this study aimed to understand how videos captured with mobile phones were incorporated on television journalism, observing the example of the Jornal das Dez, on GloboNews. The content of this analysis, in different periods, let witness changes about the treatment that GloboNews gives to the videos made with mobile phones on their news shows.

Keywords: television journalism, mobile phone, mobile devices, GloboNews, Gerson Camarotti.

RÉSUMÉ

Cette étude a analysé quelques reportages produits par le reporter politique Gerson Camarotti avec son téléphone portable pour la chaîne payante GloboNews. À partir d'une révision du domaine théorique des concepts de téléjournalisme, images et dispositifs mobiles, cette étude a voulu comprendre comment les vidéos capturées grâce à un téléphone portable ont été incorporées au téléjournalisme, en observant l'exemple du Jornal das Dez, sur GloboNews. Le contenu de cette analyse, éparpillé dans le temps, a permis d'observer les différents abordages que la chaîne a donné à ces images pendant cette période.

Mots-clefs: téléjournalisme, téléphone portable, dispositifs mobiles, GloboNews, Gerson Camarotti.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	1
1.1 Objetivos gerais e específicos.....	2
1.2 Justificativa	2
2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	4
2.1 O telejornal	4
2.2 A imagem como representação.....	7
2.3 Telefone celular enquanto dispositivo móvel	10
2.4 A GloboNews.....	14
2.5 O Jornal das Dez, da GloboNews	19
2.6 Gerson Camarotti.....	21
2.6.1 A apropriação da linguagem televisiva.....	22
2.6.1.1 Comentário no 'Edição das 12h'	23
2.6.1.2 Comentário no Jornal das Dez	24
2.6.1.3 'Pinga-fogo' no Jornal das Dez.....	26
2.6.1.4 Entrevista exclusiva	28
2.6.1.5 Série especial sobre renúncia do papa.....	29
2.7 Metodologia.....	30
3 CORPUS DE ANÁLISE	32
3.1 A aparição de imagens feitas pelo telefone celular	33
3.2 Denúncias na Petrobras.....	35
3.3 Desdobramentos Petrobras	38
3.4 Congresso pós-eleição.....	41
3.5 'Deu no JN'	44
4 ANÁLISE	47
4.1 Propriedades da imagem e do aparelho	47
4.2 Conteúdo	49
4.3 Bastidor	50
4.4 Rotina de produção	53
5 CONCLUSÃO.....	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	62
FONTES ELETRÔNICAS E SITES PESQUISADOS.....	65
GLOSSÁRIO	68
ANEXOS.....	70

1 INTRODUÇÃO

O *smartphone*, a que este estudo se refere como telefone celular de nova geração, é um aparelho portátil que passou a fazer parte da rotina dos usuários. Segundo uma pesquisa do Google¹ de maio de 2013, a utilização que se faz dele vai muito além da capacidade de fazer chamadas, portanto, além da etimologia grega de “voz à distância”. Graças à conectividade do *gadget*, é possível tirar fotografias, filmar e ainda compartilhar conteúdo por meio da internet. De acordo com o estudo do Google, 46% dos usuários de telefone celular usaram seus *smartphones* todos os dias nos últimos sete dias e 73% deles não saem de casa sem levar o aparelho, utilizado em qualquer lugar.

A pesquisa da empresa americana buscou também entender que funções são empregadas pelos donos de *smartphones*. Na área do jornalismo, é relevante destacar que 63% dos mil entrevistados disseram usar o telefone celular para se informar. No domínio do telejornalismo, os números também são importantes, uma vez que 80% dos usuários usam o aparelho para assistir a vídeos e 28% assistem a pelo menos um vídeo uma vez por dia.

Se o telefone celular tem importância para consumidor de conteúdo, também ganhou destaque para produtores de informação. O grupo “Mídia Ninja”², que diz informar de forma independente, usou *smartphones* para transmitir em tempo real os protestos de julho de 2013 no Rio de Janeiro. No entanto, emissoras tradicionais de televisão também incorporaram as imagens de telefone celular na cobertura de notícias. O repórter Julio Molica, do canal de notícias GloboNews, cobriu o mesmo protesto com o *smartphone* conectado ao aplicativo de chamadas “Skype”. A transmissão feita por ele foi exibida ao vivo na emissora. No dia 7 de setembro, cobrindo outro protesto,

¹ Íntegra da pesquisa em: <[https://www.dropbox.com/s/r2xdjj9j1nd8ki7/Nosso%20planeta%20mobile%20\(Portugu%C3%AAs\).pdf?dl=0](https://www.dropbox.com/s/r2xdjj9j1nd8ki7/Nosso%20planeta%20mobile%20(Portugu%C3%AAs).pdf?dl=0)>. Acesso em 2/11/2014.

² Mídia ninja em: <<http://youpix.virgula.uol.com.br/protestabr/5-links-uteis-para-voce-saber-mais-sobre-a-midia-ninja/>>. Acesso em 2/11/2014.

Molica foi agredido³ por manifestantes, enquanto estava ao vivo na GloboNews. Porém, em vez de dissertar sobre eventos esporádicos, este trabalho se atém à prática do constante registro pelo telefone celular na cobertura factual em televisão. É o caso do repórter Gerson Camarotti que, por meio do *smartphone*, registra durante toda a semana os bastidores da política e a repercussão das decisões dos Poderes. O conteúdo que ele mesmo grava vai ao ar no principal telejornal da GloboNews, o Jornal das Dez.

1.1 OBJETIVOS GERAIS E ESPECÍFICOS

Este trabalho busca entender como o uso de captação de imagens e sons por meio do telefone celular de nova geração alterou a produção de reportagem no telejornalismo. Também pretende compreender se essa nova linguagem se adapta corretamente a veículos tradicionais de televisão.

Analisando as reportagens de Gerson Camarotti no Jornal das Dez, na GloboNews, também é possível aferir de que forma o canal tratou o material registrado por ele. Ainda é possível observar se as imagens de telefone celular se aplicam a qualquer tipo de pauta ou devem ser utilizadas para fatos específicos. Que benefícios e restrições o emprego dessa técnica traz?

1.2 JUSTIFICATIVA

Antes mesmo de me tornar estudante de jornalismo, existia a curiosidade genuína em entender como um repórter colocar seu estilo no que faz. Duas pessoas cobrirão o mesmo fato com visões diferentes, apesar de existir uma constante busca pela objetividade, questionada no meio acadêmico e profissional. Na universidade, descobri que o modo de fazer do repórter se percebe quando o que ele produz depende

³ Informação em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed763_a_vitoria_da_estupidez>. Acesso em 2/11/2014.

essencialmente de informações fornecidas por fontes, cultivadas por ele. São essas fontes que permitem trazer um olhar de bastidor, de ir além do que é visto em primeiro plano.

A esse interesse, junta-se a paixão por aquilo que está mudando a forma com que as pessoas relacionam entre si e com o espaço onde vivem: a tecnologia. A rapidez impressionante do avanço técnico progressivo é em si assustador. Aparelhos adquiridos como “de ponta”, em três anos, tornam-se obsoletos. É inegável que a tecnologia digital trouxe uma nova experiência para o usuário. É possível ouvir música, navegar na internet, ler jornal, assistir à televisão, tirar foto, mandar essa foto por *e-mail*, por meio de um aparelho central, que tem a grande vantagem de caber no bolso: o telefone celular. Mas o celular também pode ser ferramenta de trabalho.

Na universidade e nos estágios por que passei, percebi que o *smartphone* cumpria muito bem a missão de registrar a notícia. No Correio Braziliense, o telefone celular foi meu bloquinho de notas. Na CBN, o gravador do celular já me serviu muitas vezes para não assustar o entrevistado com um aparelho profissional. Na Rede Globo, enquanto colegas cobriam a chegada dos presos pelo Mensalão ao Centro de Progressão Penitenciária com *Nikons* e *Kodaks*, o pequeno *iPhone* permitiu que o portal de notícias G1 também desse a notícia. Mas foi durante o estágio na GloboNews que pude observar o método de produção de Gerson Camarotti e de toda uma equipe envolvida dia a dia na cobertura dos bastidores das decisões políticas, no Jornal das Dez. Foi então que a minha orientadora Letícia Renault sugeriu que eu usasse o método na disciplina de telejornalismo, produzindo três reportagens por meio do telefone celular, e em seguida propondo me aprofundar nesse tema como objeto de estudo. Uma oportunidade de saber mais sobre um aspecto do jornalismo que está se tornando tendência em veículos de comunicação por causa da maleabilidade do aparelho, grande número de funções, conexão à internet e do baixo custo que ele representa.

2 REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

2.1 O telejornal

O telejornal tem no Brasil uma importância central, quando se considera sua abrangência. Hoje chega a quase toda a população brasileira, que soma 202,7 milhões de habitantes, segundo o IBGE. O gênero ainda é hegemônico em audiência, a despeito de ter perdido audiência nos últimos anos (BRITTOS, 1999, p.10). É o principal meio que o brasileiro usa para se informar, de acordo com a última pesquisa de mídia, realizada pela Secretaria de Comunicação da Presidência da República⁴. O estudo, divulgado em fevereiro de 2014, revela que 97% dos brasileiros afirmam assistir à televisão — instalada no país por Assis Chateaubriand, em 1950, com a criação da TV Tupi. Segundo o levantamento, a televisão é o meio de comunicação preferido por 76,4% dos brasileiros. Em seguida, vem a internet com 13,1%. O rádio chega em terceiro lugar, com a preferência nacional de 7,9% dos habitantes. Jornais impressos são preferidos por 1,5% e revistas, 0,3%.

Daí a importância do gênero telejornalístico, por ser a principal forma, se não a única, de informação de grande parte da população do país. O telejornal no Brasil, seguindo o modelo ocidental, segundo Vizeu (2008, p.7), assumiu o compromisso jornalístico de retratar os problemas e as decisões que influenciam o cotidiano do povo, que consegue se enxergar naquilo que vê.

Os telejornais cumprem uma função de sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma, contribuem para uma organização do mundo circundante. É o lugar em que os grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício de publicização dos fatos como a possibilidade prática da democracia. Todo esse processo se produz num campo complexo de construção, desconstrução, significação e ressignificação de sentidos. O telejornal é hoje a grande praça pública do Brasil (VIZEU, 2008, p.7).

⁴A pesquisa pode ser conferida em:
<<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>. *Link* acessado em 1/9/2014

No gênero audiovisual, ao contrário do documentário, o formato do telejornal se consolidou com uma estrutura cujo objetivo é expor, em horário nobre, preferencialmente ao vivo, depoimentos de sujeitos implicados no fato: a notícia — prática inerente ao jornalismo. Sendo assim, a marca do telejornal é oferecer as principais notícias do dia até o fechamento daquela edição.

Os autores Koszyk e Pruys, citados por Kunczik e Varela em 1997, trazem uma definição de jornalismo como a profissão daqueles que “reúnem, detectam, reúnem, avaliam notícias; ou que comentam o fato do momento” (p. 16). Thais de Mendonça Jorge (2010, p.27) traça um paralelo entre o conceito de notícia e o trabalho do jornalista, apontando o seu papel “seletor”. Segundo a autora, “analisar os fatos que vão virar notícia integra-se, portanto, ao rol de atribuições diárias do jornalista”. O próprio conceito de notícia é sintetizado por ela como algo novo, inusitado, capaz de atingir e interessar uma massa de pessoas, afetadas mais ou menos pelo fato em questão. A importância que aquele assunto terá depende do chamado “valor-notícia”, uma série de critérios que permitem calcular, segundo a autora, a relevância do assunto, ou seja, o grau de interesse pelo fato a ser reportado. Portanto, em televisão, o valor-notícia deve dizer se aquele fato entra no jornal local ou se o fato tem importância suficiente para ser exibido em rede nacional.

O conceito de notícia é ligado ao de reportagem. A linguista Dad Squarisi (2008, p.55) não faz distinção entre os dois. Apesar de não ser formada em jornalismo, Squarisi é responsável pela editoria de Opinião do Correio Braziliense.

Notícia, para eles [os autores que diferenciam notícia e reportagem], é o fato que se esgota em si mesmo. Em geral, aparece em forma de pirâmide invertida porque a preocupação do repórter é reproduzir com fidelidade um acontecimento. Reportagem, ao contrário, apresenta várias faces do mesmo assunto. O texto abre espaço à criatividade do autor. Aqui, não se faz diferença entre notícia e reportagem. Reportagem sempre é notícia. O que varia é o tipo de reportagem — factual, especial ou em série. São formas diferentes de apresentar um fato (SQUARISI e SALVADOR, 2008, p.55).

O ímpeto estrutural que a televisão tem por buscar abarcar todas as notícias fez com que ela se tornasse onipresente em todas as “praças”, por meio de emissoras de

rede, afiliadas ou agências de notícia. Existe uma suposta garantia de presença nos rincões do Brasil e do mundo, em paralelo ao alcance que a televisão tem no país, como visto anteriormente. Isso contribui para sistema telejornalístico consolide tanto sua credibilidade quanto sua tentativa de cumprir o compromisso de oferecer os diversos ângulos de um mesmo fato (MACHADO, 2000, p.104).

O telejornal é, antes de mais nada, o lugar onde se dão atos de enunciação a respeito dos eventos. Sujeitos falantes diversos se sucedem, se revezam, se contrapõem uns aos outros, praticando atos de fala que se colocam nitidamente como o seu discurso com relação aos fatos relatados (MACHADO, 2000, p.104).

O discurso proferido na televisão tem obrigatoriamente “lugar de fala”. Ou seja, o que é dito é sempre ancorado em alguém. Pode ser o apresentador, o repórter — sempre identificado pelo nome e o local onde está. Ou também o entrevistado, cujo nome é associado à profissão, às vezes, ao cargo que ocupa, ou também à relação que tem com o fato (MACHADO, 2000, p.105). Por exemplo, na queda de uma aeronave em Santos (SP), que culminou na morte do candidato à Presidência Eduardo Campos, em 13 de agosto de 2014, o repórter da TV Globo José Roberto Burnier entrevistou Roseli Fernandes, moradora do local. Na identificação dela no vídeo, não é mencionada a profissão da fonte, e sim, o envolvimento que ela tem com a notícia: o de ser “testemunha”.

Assim, telejornalismo é trazer os conceitos jornalísticos da notícia para o universo da imagem. Ao longo da faculdade de jornalismo, o estudante deve ter ouvido a famosa citação de George Orwell: “Jornalismo é publicar aquilo que alguém não quer que se publique. Todo o resto é publicidade”. A máxima do jornalista e escritor inglês, nascido em 1903, não deixa de ser aplicada ao *métier* jornalístico televisivo.

2.2 A imagem como representação

A televisão, pela própria natureza audiovisual, depende de imagens. A televisão de qualidade depende de boas imagens. Os manuais de telejornalismo pedem para que uma reportagem seja aberta com a melhor imagem do fato, para que seja ao mesmo tempo convidativa e forte o suficiente para representar o assunto. Mas, conceitualmente, a imagem é sempre uma mediação técnica, com o objetivo de simular um objeto ao qual não se tem acesso físico (MACHADO, 1997, p.224).

O filósofo tcheco radicado no Brasil Vilém Flusser considerava imagem técnica aquilo que é possível alcançar por meio do uso de aparelhos de codificação. Em *Filosofia da caixa preta*, ensaio escrito em 1983, ele se referia às imagens obtidas graças à fotografia, cujo conceito pode ser estendido ao vídeo. Ambos processos se baseiam na captura de imagens — uma estática e outra em movimento. Para Flusser, a imagem obtida tem mais características do aparelho utilizado do que características do objeto retratado que lhe deu origem. Isso porque depende das estruturas intrínsecas ao aparelho: a forma com que foi “programado”. Ou seja, o resultado da imagem depende sobretudo das condições estruturais que definem esse aparelho. No caso, o autor das imagens pode até controlar o foco, diafragma ou obturador, mas ele não tem o mesmo controle sobre a composição química do filme ou até mesmo, trazendo para os dias atuais, a quantidade de *megapíxels* da câmera. E esses atributos, segundo Flusser, são determinantes fundamentais do tipo de imagem.

É importante ressaltar que Flusser diferenciava aparelhos de instrumentos. Segundo o autor, o conceito de instrumento é aplicado a objetos industriais ou pré-industriais. Para ele, são instrumentos objetos como enxada ou martelo, que podem ser considerados como extensão do corpo humano. Apesar de uma câmera fotográfica poder ser até analisada como extensão ao organismo, Flusser considera que o objetivo desse tipo de ferramenta não é alterar o mundo, como pretendem os instrumentos, e sim, modificar a vida dos homens, adquirindo valor simbólico. Portanto, mais do que um instrumento, o equipamento que captura imagens pode ser considerado um aparelho.

O fotógrafo produz símbolos, manipula-os e os armazena. Escritores, pintores, contadores, administradores sempre fizeram o mesmo. O resultado desse tipo de atividade são mensagens: livros, quadros, contas, projetos. Não servem para serem consumidos, mas para informarem: serem lidos, contemplados, analisados e levados em conta nas decisões futuras. Estas pessoas não são trabalhadores, mas informadores. Pois atualmente a atividade de produzir, manipular e armazenar símbolos (atividade que não é trabalho no sentido tradicional) vai sendo exercida por aparelhos. E tal atividade vai dominando, programando e controlando todo trabalho no sentido tradicional do termo (FLUSSER, 1985, p.14).

Arlindo Machado expande o panorama de Flusser ao tratar do aparecimento do vídeo, que começa a surgir nos 60. Segundo o autor, a imagem eletrônica é “mais maleável, plástica, aberta às transformações do artista” do que a fotoquímica (ou analógica), e conseguiu alcançar de forma rápida um vasto número de consumidores. O programa (ou seja, a estrutura) desse tipo de ferramenta se tornou mais fácil de ser usado e mais acessível. Ao aliar essas imagens à utilização do computador, foi possível editar de forma sistemática o conteúdo registrado. Em 1917, duas crianças em Cottingley, na Inglaterra, já inseriam objetos externos em uma série famosa de fotografias, cortando pequenas fadas de cartolina e juntando à imagem — uma montagem analógica. Mas graças à democratização das ferramentas, segundo Arlindo Machado, a tendência é de que haja maior “mesclagem” entre o real e o digital. De acordo com Machado, “‘Fotografia’ agora é o nome que se dá ao resultado de um processo de edição e não à marca deixada pela luz sobre uma superfície fotossensível” (1997, p.234).



Figura 1: a montagem das fadas de Cottingley só foi admitida 66 anos depois

Para se ter uma noção, a organização britânica contra pirataria, a *Fast*, estima que em 2013, só no Reino Unido, o *Photoshop* foi o terceiro programa mais pirateado, com 16% dos *downloads* irregulares. A ferramenta de edição só perdeu para o pacote *Office* (24%) e o sistema operacional *Windows* (24%). Dentre os 11 programas mais pirateados, se forem analisados todos os serviços que permitem editar imagens (e vídeos), o número chega a 48% dos *downloads*. O fato aponta que o interesse em capturar imagens e remanejá-las é real.

No entendimento de Flusser e Machado, a qualidade das imagens é ligada de forma intrínseca à técnica envolvida. Leticia Renault, em *O esquema é notícia* (2004), traça uma linha do tempo em que mostra a evolução tecnológica das câmeras no telejornalismo. Segundo Renault, as câmeras chamadas “mudinhas” foram as primeiras a serem usadas na TV Belo Horizonte. Com um filme de 16 milímetros negativos, a ser revelado, elas só tinham capacidade de gravar imagens, mas não registravam áudio. O repórter não tinha, à época, preocupação com o tamanho da reportagem. Em seguida, chegou o aparelho *videotape* (VT), que permitiu exibir conteúdo após o fato. Até então, televisão era feita ao vivo. Isso possibilitou à televisão criar sua grade de programação, conferindo a ela organização e autonomia de exibição, com mais conteúdos gravados.

O VT chegou junto com uma câmera “Auricon”, que tinha capacidade de gravar áudio e imagem juntos. Esses equipamentos foram incorporados à produção telejornalística do canal, conferindo “mais autonomia ao jornalismo”, segundo Renault. A “*Betacam*”, da japonesa Sony, é uma evolução do modelo e permitiu gravar em fitas magnéticas. Ele é oficialmente abandonado em 2012, quando a TV Globo passou a utilizar como principal equipamento cinematográfico o sistema digital XDCam⁵, da também da Sony. Ele possibilitou registrar imagens de alta definição, a serem exibidas por meio da TV Digital, cuja primeira transmissão foi em dezembro de 2007. O sistema, que utiliza discos óticos, semelhantes a cartões de memória de grande porte, é baseado na tecnologia *Blu Ray*. No item a seguir, serão abordados o uso e a incorporação do aparelho de telefone como câmera de vídeo no telejornalismo.

⁵ A informação pode ser conferida em:

<http://comercial.redeglobo.com.br/agenda_comunicados/prorrogada_data_entrega_xdcam.php>. Acesso em 24/9/14.

2.3 Telefone celular enquanto dispositivo móvel

O telefone celular de nova geração, que possui câmera de filmar e acesso à internet, permite gravar conteúdo com o objetivo de ser exibido. Uma vez que o desenvolvimento tecnológico do aparelho celular possibilitou a melhoria da qualidade de imagem e facilitou o manuseio operacional, o repórter tem em mãos novos recursos de gravação. McLuhan já fazia nos anos 60 associação entre a tecnologia e os hábitos individuais. A tese do teórico canadense é feita citando o aparelho de televisão. No entanto, o pensamento de McLuhan pode ser expandido e aplicado para os dias atuais.

Qualquer invenção ou tecnologia é uma extensão ou auto-amputação de nosso corpo, e essa extensão exige novas relações e equilíbrios entre os demais órgãos e extensões do corpo. Assim, não há meio de recusarmo-nos a ceder às novas relações sensoriais ou ao “fechamento” de sentidos provocado pela imagem da televisão. Mas o efeito do ingresso da imagem da televisão variará de cultura a cultura, dependente das relações sensoriais existentes em cada cultura (MCLUHAN, 1964, p.36).

Pode-se configurar como central a relevância do aparelho celular, à medida em que auxilia o trabalho do jornalista na hora de apurar, por voz ou mensagem, de registrar o fato em imagens e/ou som e até de repassar diretamente o conteúdo para a redação ou para “o ar”, por meio da internet móvel. O pesquisador Henry Jenkins se especializou no conceito que chama de “cultura de convergência” (2008, p.27). Para o autor, existe profunda reconfiguração nas estruturas empresariais de produção, a partir do momento em que os meios de comunicação tradicionais buscam se adaptar à linguagem da internet e oferecer seus serviços nessa plataforma. Do ponto de vista do pesquisador, qualquer indivíduo com noções de informática é um produtor de conteúdos em potencial, com condições de produzir e gerar conteúdo. Segundo Jenkins, a era da convergência das mídias, na qual a sociedade já estaria vivendo, “altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos” (2008, p.41).

A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disto: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares (JENKINS, 2008, p.41).

Ao contrário do que se possa imaginar, a convergência digital, segundo Jenkins, não implica a morte das mídias tradicionais. De acordo com o teórico, elas se complementam. Ele afirma que em um espaço de convergência midiática, “as velhas e novas mídias colidem”, a “mídia corporativa e alternativa se cruzam” e o “poder produtor” e o “poder consumidor de mídia” interagem de maneira impossível de ser prevista (JENKINS, 2008, p.27). E o aparelho central nesse cenário de integração é o telefone celular, segundo o pesquisador brasileiro André Lemos. Ele relaciona o progresso tecnológico a uma mudança de paradigma social. Para Lemos, “dentre as tecnologias móveis, o telefone celular tem sido o dispositivo maior da convergência tecnológica e da possibilidade de exercício efetivo dessa ‘rebelião’ política, mas também de constituição de relações sociais por contato imediato, através de voz, SMS, fotos ou vídeos” (LEMOS, 2007, p.131).

Devido à pluralidade de funções que um telefone celular apresenta hoje — além de fazer a tradicional ligação telefônica — André Lemos apresentou um conceito em que define o *smartphone* como “Dispositivo Híbrido Móvel de Conexão Multirredes” (2007, p.25). Mais do que uma mudança no comportamento do indivíduo, o autor afirma existir uma mudança estrutural no espaço urbano do ponto de vista das relações sociais, já que o cidadão carrega consigo um aparelho que lhe permite dar suas impressões sobre a cidade em que vive e analisar a opinião alheia, mantendo uma conexão constante com seus contatos. Além disso, de acordo com André Lemos, a ubiquidade, isso é, a característica de estar conectado à rede, do celular proporciona o “testemunho de eventos cotidianos” — justamente a forma com que Vizeu define jornalismo, como visto anteriormente. Para Lemos, a propriedade ubíqua do celular, ligada à facilidade de produção de fotos, textos, vídeos e sons servem de “testemunho

jornalístico e político sobre diversas situações cotidianas” (2007, p.32). O autor cita algumas coberturas em foram utilizadas imagens captadas por telefones celulares.

Os vídeos e as fotos feitos em telefones celulares foram importantes, por exemplo, como testemunho das explosões a bomba nos metrô em Londres, nos *tsunamis* no oceano Índico, no furacão Katrina em New Orleans, no atentado a bombas em Madri, na guerrilha urbana em Paris. Buscando ainda uma particularidade e uma poética, os vídeos e fotos em celulares podem fazer da portabilidade, da mobilidade, do tempo imediato, da conexão e da difusão em rede diferença fundamental em relação aos filmes e vídeos com câmeras portáteis (LEMOS, 2007, p. 32).

Na mesma linha de André Lemos, o autor canadense Vincent Lavoie em seu artigo “*Guerre et iPhone. Les nouveaux fronts du photojournalisme*” (2012) cita os atentados de julho de 2005 em Londres⁶. Segundo Lavoie, a cobertura da notícia se deu essencialmente por meio de imagens de cidadãos que compartilharam conteúdos registrados pelo telefone celular. “Há por parte dos profissionais [da imprensa] uma prontidão em tomar posse das imagens realizadas por testemunhas do drama e situá-las no interior de um espaço discursivo controlado por eles”, argumenta. Apesar de os veículos reproduzirem poucas imagens de terceiros à época dos atentados, o autor afirma que é “o valor agregado gerado pela implantação de instâncias de produção heterogêneas que importa”. Em seguida, Lavoie argumenta que houve ainda maior reconfiguração da lógica de produção jornalística a partir do momento em que houve “emprego pelos próprios profissionais da imprensa de aparelhos comumente associados às práticas de jornalismo cidadão”, considerados amadores.

A título de exemplo, o jornal americano “*The New York Times*” veiculou em sua capa⁷ quatro fotos de Damon Winter, que acompanhou a rotina de soldados afegãos. Elas foram registradas por um aplicativo de um celular do modelo *iPhone*, o “*Hipstamatic*”, em novembro de 2010. O *Hipstamatic*, que pode ser baixado por US\$ 1,99, permite registrar, editar e compartilhar a fotografia na internet. A seguir, imagem da capa do jornal, que revela o cruzamento entre mídias consolidadas e novas mídias.

⁶ Íntegra do artigo em: <<http://etudesphotographiques.revues.org/3294>>. Acesso em 9/10/2014.

⁷ Informação conferida em: <http://www.huffingtonpost.com/2013/04/01/ny-times-instagram-photo-front-page_n_2991746.html>. Acesso em 1/10/2014.



Figura 2: capas do jornal *The New York Times* com quatro fotos de soldados afegãos tiradas pelo aplicativo 'Hipstamatic'

O fotógrafo, ganhador de um *Pulitzer* de fotografia, chegou a concorrer a um prêmio pela série de imagens que fez na cobertura da guerra, todas tiradas com um telefone celular. A um *blog* do *New York Times* sobre fotografia, Winter afirmou que as fotos que estamparam o jornal não poderiam ser feitas de outra forma se não por meio do telefone celular⁸. “A imagem do grupo de homens descansando encostados em uma cama enferrujada não poderia nunca ter sido produzida por meio de um aparelho convencional. Eles teriam se dispersado no instante em que eu teria apontando minha [Canon] 5D com suas grandes lentes”, disse.

Em 31 de março de 2013, o jornal que circula desde 1851 repetiu o feito, publicando uma imagem do fotógrafo Nick Laham, também feita por meio do telefone celular.

⁸ Depoimento do fotógrafo em: <<http://lens.blogs.nytimes.com/2011/02/11/through-my-eye-not-hipstamatics/>>. Acesso em 9/10/2014.



Figura 3: capa do *New York Times* com imagem feita pelo aplicativo 'Instagram'

Ele retrata na capa do *New York Times* um jogador de futebol americano, clicado no vestiário do time. A imagem foi feita por meio do aplicativo “*Instagram*”, semelhante ao *Hipstamatic*, porém gratuito. Vale mencionar que a editora de vídeo e televisão do mesmo jornal, Ann Derry, em entrevista⁹, disse que os jornalistas do *New York Times* produzem o próprio conteúdo munidos de um *iPhone*. O desejo dela era de que o vídeo fizesse parte de uma nova “experiência” de leitura da versão *web* da publicação americana.

2.4 A GloboNews

A GloboNews é um canal fechado, por assinatura, que faz parte da grade de canais Globosat, pertencente ao Grupo Globo — antigas Organizações Globo. É o

⁹ Íntegra da entrevista em: <<http://videos.huffingtonpost.com/tech/ann-derry-on-the-new-york-times-multimedia-platform-488002316>>. Acesso em 9/10/2014.

primeiro a exibir notícias durante 24 horas por dia no Brasil¹⁰, criado em 15 de outubro de 1996. Nomes experientes como o de Alice Maria e Armando Nogueira, que lançaram o “Jornal Nacional”, principal telejornal brasileiro, em 1969, participaram da estruturação do canal de notícias. Vera Íris Paternostro, no livro *Globo News*¹¹ (2006), define o canal como uma televisão de “pioneirismo”.

O diretor-geral de jornalismo da Rede Globo, Carlos Henrique Schröder, define a GloboNews como um canal que vai “mais fundo na informação” e que tem “mais espaço” para isso¹². Para Schröder, “o telespectador do cabo entende que ali se pode ir além, ter um complemento para o entendimento da informação”. Na GloboNews, o telespectador é chamado de assinante.

Do ponto de vista da tecnologia, Paternostro lembra no livro de memória de dez anos da GloboNews o chamado “Projeto Servidor”, que teria mudado a forma de produção do canal de tevê por assinatura. Durante as Olimpíadas de Atenas, em 2004, um sistema novo, *tapeless*, de captação, edição e exibição de matérias foi desenvolvido. A GloboNews testava à época uma nova forma de colocar no ar conteúdo sem a necessidade do *videotape*.

Um projeto que exige o envolvimento total dos profissionais do canal para o reaprendizado da forma de trabalhar. Hoje, todo o conteúdo jornalístico *hard news* do canal é produzido pela tecnologia. [...] O sistema não foi usado naquela época pela Rede Globo, mas surgiu a oportunidade de testar a nova tecnologia ainda nas Olimpíadas. “O hardware que foi comprado e o software que foi desenvolvido eram aplicáveis à demanda de um canal com as características da GloboNews”, afirma José Manuel [então diretor de Engenharia do Jornalismo da TV Globo] (PATERNOSTRO, 2006, p.417).

A GloboNews não esconde ter usado como modelo a rede americana CNN, no que chama de “revolução no jornalismo”. O vice-presidente do Grupo Globo, João

¹⁰ A concorrente BandNews foi fundada em março de 2001. A Record News foi criada em setembro de 2007.

¹¹ Após renovação da identidade visual, em outubro de 2010, com a chegada da diretora Eugênia Moreyra, o nome do canal passou a ser escrito em uma só palavra: GloboNews.

¹² A entrevista pode ser conferida em: <<http://www.robertomarinho.com.br/obra/globosat/divisao/globo-news.htm>>. Acessado em 23/9/2014.

Roberto Marinho, afirma que “não há como negar que a CNN sempre foi uma inspiração” e que o “impacto da Globo News em nosso país pode ser comparado ao que a CNN provocou, no início, na sociedade americana e, depois, em todo o mundo”¹³. O canal americano, segundo o livro de Paternostro, chegou a ser visitado pela cúpula fundadora da GloboNews. Tanto noções técnicas quanto estéticas foram importadas, como por exemplo, o surgimento da redação no cenário, ao fundo do estúdio onde é apresentado o jornal. Desde o lançamento da GloboNews, os telejornais são exibidos com a redação ao fundo. Esta mudança só chegou à TV aberta por meio do “Jornal Nacional”, no dia 26 de abril do ano 2000, quando a TV Globo comemorava 35 anos. A própria página institucional do “Jornal Nacional” na internet¹⁴ define a troca de cenário como uma forma de levar “para dentro da casa do público a própria redação do Jornal Nacional”. De acordo com a página, “o telespectador pode ver a equipe envolvida na realização do telejornal, tanto na abertura quanto no início e fim de cada bloco”. Na GloboNews, a redação foi “desvendada” para as câmeras quatro anos mais cedo.

O uso da tecnologia por telefone celular também é mencionado por João Roberto Marinho. De acordo com o vice-presidente do Grupo Globo, em 2006 havia 90 milhões de celulares digitais, “grande parte deles munida de câmera fotográfica e de vídeo”; 32 milhões de internautas, desses, um milhão já tinha acesso à banda larga. Dez anos antes, na criação da GloboNews, havia somente 1,6 milhão de telefones e “poucos” internautas. Para João Roberto Marinho, o salto tecnológico surpreendeu o “prognóstico mais otimista” e era necessário para tornar “tecnologicamente possível e com custos razoáveis uma emissora que, por definição, deveria estar em todos os lugares, em todos os momentos, pronta para entrar no ar sem demora”.

Para a GloboNews, a democratização da tecnologia contribuiu em dois lados, de acordo com João Roberto Marinho. De um lado, o telespectador é visto como “fonte em potencial”. No texto escrito oito anos atrás, em 2006, João Roberto Marinho já considerava a importância da participação do público na produção telejornalística.

¹³ Informações no prefácio do livro: PATERNOSTRO, Vera Íris. **Globo News**. Globo Livros, 2006.

¹⁴ A página sobre o histórico do Jornal Nacional pode ser conferida em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>>. Acesso em 23/9/2014.

O fenômeno ainda não tem a frequência desejada, mas é cada vez maior o número de pessoas que, diante de um acontecimento, alimenta a Globo News com informações, esteja onde estiverem. Não demorará muito para que se torne habitual as pessoas comuns enviarem fotos e imagens em movimento produzidas por seus celulares (MARINHO in PATERNOSTRO, p.9).

Por outro lado, os próprios jornalistas da emissora se beneficiam com o aprimoramento da tecnologia, havendo a possibilidade de informar o telespectador de forma “mais ágil e mais rápida”. Segundo João Roberto Marinho, a tecnologia pode ser um diferencial na cobertura do canal.

Um simples celular em Israel é suficiente para que o correspondente dê conta de um último conflito, com informações em primeira mão. E a internet em banda larga e *wireless* permite que imagens sejam transmitidas digitalmente, prescindindo de satélites, até hoje dispendiosos (MARINHO in PATERNOSTRO, p.9).

A previsão de João Roberto Marinho se demonstrou acertada. De acordo com a Agência Brasileira de Telecomunicações (Anatel), o Brasil fechou 2013 com 271,10 milhões de linhas ativas de telefones móveis¹⁵. Em relação à conexão 3G, que atinge até 2 *mega bites* de velocidade, implementada no Brasil em 2004, a média de telefones celulares que acessavam a rede era de 72,4 milhões de linhas por mês em 2013. Quanto ao sistema 4G, uma faixa nova e mais rápida de conexão, a base de celulares que se conectam à rede aumentou 8.808% no acumulado de 2013, partindo de zero para 1,3 milhões de aparelhos. A velocidade do sistema 4G atinge até 1 *giga bite* (ou mil *mega bites*).

O interesse da GloboNews por tecnologia é reiterado pela jornalista Eugênia Moreyra, que assumiu a direção do canal em setembro de 2011. Eugênia liderou os trabalhos de reposicionamento de marca da emissora¹⁶, adotando o slogan “Nunca desliga”. Segundo ela, a GloboNews deveria ser a “primeira fonte de informação” e “não pode esperar a pessoa chegar na frente da TV”. Para a jornalista, a televisão deve estar

¹⁵ O levantamento da Anatel pode ser conferido em: <<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=32359>>. Acesso em 23/9/2014.

¹⁶ Depoimento pode ser conferido em: <<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/perfis/talentos/Eugênia-moreyra.htm>>. Acesso em 24/9/2014.

preparada para um mundo hiperconectado e diz que a televisão está passando por uma revolução. “Uma transformação gigantesca. Tão grande quanto foi a criação da imprensa. Não se sabe onde vai dar, mas é fascinante.”

Para Eugênia Moreyra, a GloboNews deve se tornar “a principal fonte de notícia para o assinante”. Para isso, a diretora defende a presença do canal em diversas plataformas, como em aplicativos para celular ou ao vivo pela internet. “Nosso aplicativo é um sucesso¹⁷, é muito bem posicionado entre os aplicativos de notícias.”

A chegada dos canais de televisão aos *tablets*, celulares e afins (as chamadas segundas telas) foi analisada por Cristiane Finger, o que ela chamou de “novo modo de ver TV” (FINGER, 2012, p.1). Por meio da análise de aplicativos de notícias e a recepção de telejornais (o “Jornal Nacional” e o “Jornal das Dez”, da GloboNews) em dispositivos móveis (FINGER, 2013, p.192), a autora confirmou a tese de que a experiência cultural (e não técnica) de assistir à televisão não será extinta (FINGER, 2012, p.13).

A pesquisadora afirma que transpor a programação em fluxo para dispositivos portáteis requer trabalhar com outra lógica. Conceitos como horário nobre ou horário de pico no trânsito, que normalmente diminui a audiência, são encarados de outra forma à medida que o telespectador que deixou o monitor televisivo pode ser alcançado, por exemplo, por meio do *smartphone* (FINGER e RANZAN, 2014, p.12). Nas análises de Cristiane Finger, notou-se uma necessidade em adaptar o tamanho de créditos e demais recursos infográficos para as telas de menores proporções (2014, p.192). Segundo ela, créditos muito pequenos não são percebidos pelo público, que concentra atenção principalmente na função de quem aparece em vez do nome (do repórter ou do entrevistado). No entanto, não há grande reclamação dos entrevistados sobre o tempo de duração das reportagens, que em televisão é de dois minutos e meio, em média.

O fim da linguagem audiovisual padrão da TV não se confirmou, pelo contrário, no caso do telejornalismo, as rotinas de produção, os valores de noticiabilidade e a estética dos conteúdos são aceitos plenamente pela audiência nesse novo contexto (FINGER, 2014, p.197).

¹⁷ O aplicativo da GloboNews foi lançado em 2011. Para aparelhos *Android*, há cerca de 500 mil downloads. Os dados em *iPhones* e *iPads* não são revelados pela *Apple Store*.

De acordo com Cristiane Finger, a linguagem televisiva é compatível com as plataformas móveis e é compatível com as novas telas. No entanto, segundo a autora, são necessárias somente pequenas correções para facilitar a compreensão do público devido às dimensões reduzidas dos novos aparelhos. Finger diz que deverão ser ajustadas configurações técnicas como a do tamanho dos créditos, para que o telespectador não desvie tão facilmente a atenção ou formas de se adaptar a possíveis quedas de bateria, inerente a um aparelho eletrônico que precisa de carga. O objetivo disso é que o telejornal permaneça no ar, apesar de a edição veiculada na plataforma tradicional já tenha terminado (FINGER, 2012, p.127).

2.5 O Jornal das Dez, da GloboNews

O Jornal das Dez (J10) é o telejornal noturno da GloboNews, que começa pontualmente às 22h e termina às 23h, com reprise às 2h35 da madrugada. Ele é apresentado no Rio de Janeiro, onde funciona a sede do canal, com participações de São Paulo, Brasília, Nova Iorque e Washington. Comentaristas e correspondentes na Argentina, França e Grã Bretanha são acionados para analisar e aprofundar as notícias, quando necessário. Segundo dissertação da mestre Juliana Martins (2009, p.26), o telejornal é o “Jornal Nacional da Globo News, isto é, o principal telejornal do canal”. Para a autora, é o único telejornal brasileiro a ir ao ar todos os dias da semana.

O telejornal da GloboNews, por 16 anos, foi apresentado por André Trigueiro até abril de 2012¹⁸, quando passou por reformulação. Mariana Godoy assume o posto de apresentadora do jornal. Os comentaristas em outras praças ganham então status de “editor”, com entradas diárias no jornal. Renata Lo Prete, responsável pelo furo do caso do Mensalão, torna-se editora de política, em São Paulo. Dony de Nuccio e João Borges são editores de economia, no lugar de Carlos Alberto Sardenberg, que continua

¹⁸ Informação conferida em: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2012/04/andre-trigueiro-se-despede-do-jornal-das-dez-e-mariana-godoy-assume-apresentacao-do-telejornal.html>>. Acesso em 2/10/2014.

fazendo comentários econômicos, mas não diários. Cristiana Lôbo deixa a pauta diária de política em Brasília. Assume Gerson Camarotti, chamado pelo jornal de “repórter especial”.

Enquanto este estudo se realizava, houve mudança na apresentação do jornal. Mariana Godoy deixou a bancada do Jornal das Dez em outubro¹⁹. A direção do canal disse à imprensa que foi por motivos pessoais. Eduardo Grillo, presente na GloboNews desde a criação do canal, assume o posto vago pela apresentadora paulista.

Além de o Jornal das Dez ser exibido todos os dias da semana, a apresentadora sempre dizia a data da edição no começo do jornal, a “escalada”. É o momento em que são apresentados os destaques da edição. No Jornal Nacional, por exemplo, a data só é mencionada em “edições históricas”, como a de 11 de setembro de 2001, com o atentado às Torres Gêmeas, em Nova Iorque.

A escalada do Jornal das Dez também é diferente dos demais telejornais na televisão brasileira. Ela começa apenas com imagens e sons do principal destaque do jornal. A narração do apresentador só inicia cerca de cinco segundos depois. E, ao contrário de jornais como o Jornal Nacional, o apresentador não aparece no vídeo durante a escalada. A prioridade são as imagens das manchetes. A atenção do jornal por imagens também é percebida nas passagens de bloco, quando é chamado o intervalo. O quadro “Imagem do dia” mostra, de forma curta, registros impactantes ou curiosos que circularam durante o dia. Pode ser um filhote de urso panda que acaba de nascer no zoológico de Nova Iorque ou o tamanho de manifestações em Hong Kong contra o governo chinês.

O telejornal não tem blocos definidos. Ele começa com a notícia mais relevante do dia. Pode iniciar com o noticiário político ou econômico. Durante a tensão diplomática devido a vídeos divulgados pelo grupo terrorista denominado “Estado Islâmico”, que mostram civis sendo torturados, em setembro de 2014, o telejornal da GloboNews foi aberto com as notícias internacionais. Isso é algo raro no Brasil, à medida em que, nos critérios de valor-notícia apresentados por Thais de Mendonça

¹⁹ Detalhes em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/revista-da-tv/mariana-godoy-saira-da-globonews-apos-fim-de-seu-contrato-em-novembro-14214438>>. Acesso em 28/10/2014.

Jorge anteriormente, é dada preferência para assuntos com maior “proximidade” aos brasileiros.

Nos créditos do telejornal, aparecem 47 profissionais. Dentre eles, a editora-chefe, Joana Studart, produtores, editores de texto, de imagem, coordenadores, responsáveis pelas artes, pela estrutura de som, o chefe de reportagem, de redação e a direção de jornalismo do canal.

2.6 Gerson Camarotti

No *blog*²⁰ de Gerson Camarotti, no portal de notícias da Globo, o “G1”, o jornalista pernambucano é descrito como comentarista político da GloboNews e repórter especial do Jornal das Dez. O *blog*, lançado em 2012, inclusive, tem como slogan: “É Exclusivo. É direto de Brasília. E está nos corredores do Poder”. Gerson Camarotti²¹ se formou em jornalismo pela Universidade Católica de Pernambuco, com pós-graduação em ciência política na Universidade de Brasília. Antes de se formar, trabalhou na sucursal da revista “Veja” em Recife e na rádio “CBN”, também na capital pernambucana. Como estagiário, foi repórter da Rede Globo Nordeste e em 1995 foi para o Diário de Pernambuco, pertencente ao grupo “Diários Associados”, fundado por Assis Chateaubriand. Ele está em Brasília desde 1996, tendo passado pelas revistas “Veja” e “Época”, e pelos jornais “O Globo”, “O Estado de S.Paulo” e “Correio Braziliense”.

Camarotti foi responsável pela entrevista exclusiva²² com o recém-escolhido Papa Francisco, quando veio ao Brasil em julho de 2013 em razão da Jornada Mundial da Juventude. A cobertura do conclave romano para a escolha do novo chefe da Igreja Católica e o lançamento do livro “Segredos do Conclave” (com prefácio do escritor e imortal Ariano Suassuna) foram decisivos para se chegar à entrevista papal, diz o

²⁰ *Blog* do Camarotti: <<http://g1.globo.com/politica/blog/blog-do-camarotti/1.html>>. Acesso em 5/10/2014.

²¹ Perfil complementado em: <<http://www.portaldosjornalistas.com.br/perfil.aspx?id=4849>>. Acesso em 5/10/2014.

²² Íntegra da exclusiva: <<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2013/07/globonews-exibe-integra-da-entrevista-com-o-papa-francisco.html>>. Acesso em 5/10/2014.

repórter. Para ele, existe um denominador comum entre religião e os bastidores de Brasília: política. Em entrevista²³ ao “G1” para divulgar o livro, Camarotti faz constatação sobre a diferença política entre os dois universos: “No Vaticano é muito mais sofisticado, tem os jogos, mas eles são mais sutis nas abordagens. A política aqui é mais explícita, lá é mais implícita”.

Política também é tema do outro livro do repórter, em parceria com Bernardo de la Peña, escrito à época em que ambos trabalhavam no jornal “O Globo”. A obra “Memorial do Escândalo”²⁴ retrata os bastidores do caso conhecido como Mensalão, de pagamento de propina à base aliada do governo Lula em troca de apoio. O livro foi escrito em 2005, segundo Camarotti, “no auge das investigações da CPI dos Correios. E foi impresso com as três CPIs – dos Correios, do Mensalão e dos Bingos – ainda em pleno funcionamento”.

Desde 2007, Camarotti é comentarista de política da GloboNews. Ele acumulava a função junto com o trabalho diário no jornal “O Globo”, em que trabalhava desde 2003. A GloboNews tem a tradição de selecionar comentaristas de outros veículos. Por exemplo, Eliane Catanhêde, da “Folha de S.Paulo” ou Gustavo Chacra, do “Estado de S.Paulo”. No entanto, em 2012, o repórter pernambucano deixa a sucursal brasiliense do jornal carioca para se dedicar exclusivamente à GloboNews como repórter especial. O material jornalístico produzido por ele, no Jornal das Dez, por meio do aparelho celular é o objeto de estudo deste trabalho.

2.6.1 A apropriação da linguagem televisiva

Gerson Camarotti fez carreira no jornal impresso. Para entender o uso do telefone celular que ele se propõe a fazer em horário nobre na GloboNews e a chegada

²³ Texto da entrevista: <<http://g1.globo.com/jornada-mundial-da-juventude/2013/noticia/2013/07/livro-conta-bastidores-da-eleicao-do-papa-francisco.html>>. Acesso em 5/10/2014.

²⁴ Camarotti fala sobre o livro: <<http://g1.globo.com/platb/blog-do-camarotti/2012/07/28/memorial-do-escandalo/>>. Acesso em 5/10/2014.

dele no ambiente televisivo, é importante destacar a evolução do repórter no trabalho de cobertura para a televisão.

Assim, este estudo compilou cinco participações de Camarotti na GloboNews em ordem cronológica. Elas foram exibidas nas edições de 12 de maio de 2010, 8 de julho de 2011, 28 de maio de 2012, 8 de junho de 2012 e 26 de fevereiro de 2013.

Esses vídeos mostram Camarotti passando da função de comentarista para repórter especial, na GloboNews.

2.6.1.1 Comentário no 'Edição das 12h'

Apesar de não ser uma reportagem, nem tampouco veiculada no Jornal das Dez, este estudo selecionou o comentário de Gerson Camarotti no jornal "Em cima da hora" na edição de 12h da tarde para mostrar o papel que exercia primeiramente no canal. A participação do repórter, que trabalhava à época no jornal "O Globo", data de 12 de maio de 2010. Ele foi acionado pela emissora para comentar denúncias envolvendo o secretário nacional de Justiça, Romeu Tuma Júnior, do Ministério da Justiça, no governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva.



Figura 4: *take* do comentário de Gerson Camarotti, no Edição das 12, em que realiza análise política, no dia 12 de maio de 2010

A apresentadora, Ana Carolina Raimundi, chama a participação ao vivo de Camarotti, direto da Câmara dos Deputados, referindo-se a ele como “nosso comentarista de política”.

O “*stand up*”, como são chamados momentos em que o repórter entra no ar em pé, dura 5 minutos e 47 segundos. O comentário não conta com nenhum entrevistado, nenhuma imagem para ilustrar o que é narrado. Apenas a análise política do comentarista ao vivo.

Perguntado sobre o motivo de o governo não conseguir afastar Tuma Júnior, o repórter afirmou que ele é filho do senador Romeu Tuma (PTB-SP), que tinha grande força eleitoral em São Paulo. Para que o partido apoiasse a então candidata Dilma Rousseff à Presidência em 2010, era importante não criar desavenças com a legenda. A estratégia do Planalto era então realizar uma “fritura política”, segundo Gerson Camarotti, para que o secretário pedisse demissão por conta própria.

No entanto, nesses quase 6 minutos de vivo, Camarotti não se prestou a um monólogo televisivo. A apresentadora fez perguntas para mudar de assunto. De denúncias de corrupção no governo, o tema da participação passou a ser a aprovação da Lei da Ficha Limpa. O líder do governo no Senado, Romero Jucá (PT-PE), havia declarado que a lei de iniciativa popular era prioridade da sociedade, e não do governo. Para Gerson Camarotti, a declaração foi mal recebida dentro do Palácio do Planalto, uma vez que todos os movimentos do governo eram calculados sob a visão eleitoral, para não prejudicar a candidatura de Dilma Rousseff.

2.6.1.2 Comentário no Jornal das Dez

A segunda participação descrita ocorreu em 8 de julho de 2011, pouco depois da reformulação visual da GloboNews. O jornal ainda era apresentado por André Trigueiro, que dividia a bancada do bloco de política com Brasília. Ou seja, os assuntos políticos eram chamados por Carlos Monforte direto da capital federal.

Na edição, para tratar da recusa do senador petista Blairo Maggi (MT) em assumir o Ministério dos Transportes no governo Dilma, a participação de Camarotti foi no estúdio do Jornal das Dez em Brasília, na mesma bancada de Monforte.



Figura 5: *take* do Jornal das Dez de 8 de julho de 2011, com comentário de Gerson Camarotti. Ele está na bancada com Carlos Monforte, um dos apresentadores à época

Assim como a participação descrita anteriormente, não há “VT”, ou seja, reportagem realizada. O espaço no jornal é aproveitado apenas com o comentário de Camarotti sobre o assunto. Ele disse que Maggi foi sondado pela presidente Dilma para ocupar o Ministério dos Transportes, mas que iria recusar o convite. “Ele vai comunicar provavelmente amanhã a decisão a Dilma Rousseff que não vai aceitar ser ministro”, diz.

Diferentemente do caso anterior, em que se faz sobretudo uma análise de um retrato político, aqui aparece o “esforço de apuração” empreendido pelo próprio repórter. Aparece aqui a primeira pessoa. Nas palavras de Camarotti: “Eu conversei com o deputado e líder do partido Lincoln Portela, de Minas Gerais, e o que ele me explicou [...]”. Também pode-se destacar as informações coletadas pelo repórter para ter mais detalhes sobre a decisão: “Hoje ele [Maggi] conversou com diretores de seu

grupo empresarial em Cuiabá. A avaliação feita, segundo interlocutores do senador, é que poderia haver conflitos de interesse”.

Em outro momento, ele diz: “Nos bastidores, o que eu percebi é um desconforto ainda maior do Blairo Maggi com a possibilidade de ele se tornar a bola da vez no caso do Ministério dos Transportes [...]”. A palavra “bastidor” ainda é citada outra vez nesta participação de Camarotti no Jornal das Dez.

Ao fim do comentário de dois minutos, Camarotti “devolve” para Carlos Monforte, que encerra o bloco de política do jornal.

2.6.1.3 ‘Pinga-fogo’ no Jornal das Dez

Na terceira edição analisada, Gerson Camarotti já integra a equipe do Jornal das Dez como repórter especial do canal. A participação data de 28 de maio de 2012, quando a oposição ao governo protocolou um pedido à Procuradoria-Geral da República para que o ex-presidente Lula fosse investigado, após supostamente solicitar que o ministro do Supremo Tribunal Federal Gilmar Mendes adie o julgamento do caso do Mensalão.



Figura 6: *take* do Jornal das Dez de 28 de maio de 2012, em que Gerson Camarotti entrevista dois senadores no Congresso

A editora de política Renata Lo Prete, que apresenta o bloco de política do jornal, chama a reportagem de Camarotti. Ela diz que o repórter de Brasília “ouviu os dois lados dessa história”. Trata-se de um VT editado em que o repórter entrevista um membro da oposição, o senador Álvaro Dias (PSDB-PR), e um membro da base aliada, o senador Walter Pinheiro (PT-BA). Os dois foram entrevistados no salão verde da Câmara dos Deputados de forma conjunta. O microfone passava de um lado para o outro, dando oportunidade para que cada lado se manifestasse sobre o tema. “Houve um cerco ao Supremo, como o senador está afirmando?”, questiona Camarotti em um momento. Não há voz em *off* nem imagens para ilustrar o fato, como a do então presidente Lula ou da fachada do STF. Esses são recursos característicos de reportagens convencionais. Não há no VT nem a “passagem” do repórter, o momento em que o jornalista aparece para dar informações no meio da matéria. Neste caso descrito, Camarotti agiu como mediador do conflito político para o Jornal das Dez.



Figura 7: *take* da entrada ao vivo de Camarotti com Renata Lo Prete, na mesma edição do Jornal das Dez, na GloboNews. Ele fala direto de Brasília

O assunto tratado no jornal, entretanto, não termina com o VT. Logo após a matéria de 1 minuto e 38 segundos, Renata Lo Prete faz ao jornalista Gerson Camarotti uma pergunta sobre a pauta, para aprofundar o assunto. “Você conversou com muita gente do PT, que é um partido que tem os réus mais conhecidos do Mensalão. De que

maneira o partido está reagindo a este incidente?”, questiona. Camarotti responde direto do estúdio da GloboNews em Brasília, com uma entrada ao vivo de cerca de 1 minuto. Ele fala sobre os bastidores no núcleo do PT, onde havia um medo de que os réus do processo fossem prejudicados pelo encontro do ex-presidente com o ministro Gilmar Mendes. Em seguida, Renata Lo Prete retoma o comando, desta vez com um comentário dela, também de bastidores, sobre o fato. As duas avaliações são sobre o mesmo assunto, mas tratam de apurações diferentes. A jornalista contribuiu com o jornal relatando a pressão dos réus sobre o STF, e afirmou que o tribunal se fecharia sobre si mesmo durante o julgamento do Mensalão.

2.6.1.4 Entrevista exclusiva

Na edição do Jornal das Dez do dia 8 de junho de 2012, Camarotti entrevistou o então ministro da Agricultura, Mendes Ribeiro. A pauta era a votação do código florestal, que colocava a bancada ambientalista e ruralista sob tensão, às vésperas da conferência mundial do Rio +20.



Figura 8: *take* da entrevista exclusiva com o ministro da Agricultura, em 8 de junho de 2012, no Jornal das Dez, na GloboNews

A entrevista começa da mesma forma que a edição descrita anteriormente. Renata Lo Prete anuncia o VT de Camarotti. É uma entrevista exclusiva no gabinete do ministro. Repórter e entrevistado estão sentados, equipados com microfone de lapela, mais discreto que o convencional.

As perguntas do jornalista e as reações às respostas são filmadas como “contraplano”, um artifício para deixar o conteúdo menos monótono, em que se mostra o repórter, em certos momentos, em vez do entrevistado. Depois de 4 minutos e 30 segundos de entrevista exclusiva, Renata chama Camarotti, de novo ao vivo de Brasília, para comentar rapidamente o assunto com o que conseguiu apurar. Por sua vez, Renata também faz o comentário dela, acrescentando informações sobre o assunto.

2.6.1.5 Série especial sobre renúncia do Papa

Entre os dias 25 de fevereiro e 1º de março de 2013, o Jornal das Dez exibiu uma série de reportagens especiais do repórter Gerson Camarotti. Este estudo analisa o VT que foi ao ar no dia 26 de fevereiro, que trata da opinião de cardeais brasileiros sobre a reforma burocrática do Vaticano. A série foi feita após a renúncia do Papa Bento 16 e em meio à discussão sobre quem herdará o comando da Igreja.

O VT começa com narração em *off*, que permite guiar o telespectador em uma narrativa televisiva. A narração é coberta com imagens de apoio do Vaticano. Na reportagem, Camarotti entrevistou o presidente da Confederação Nacional dos Bispos (CNBB), Dom Raymundo Damasceno; o arcebispo emérito de São Paulo, Dom Claudio Hummes e o arcebispo emérito de Salvador, Dom Geraldo Majella. Em meio às entrevistas, o repórter aparece durante uma “passagem”, em frente à Embaixada do Vaticano, em Brasília. É o primeiro material analisado neste estudo em que o repórter pernambucano, de origem no jornalismo impresso, faz uma reportagem convencional de televisão — o chamado “VT completo”.



Figura 10: *take* da edição de 26 de fevereiro de 2013 do Jornal das Dez, em que Gerson Camarotti faz 'passagem' em série sobre renúncia papal

Como nos outros casos expostos anteriormente, Camarotti continua a reportagem analisando o assunto ao vivo de Brasília, para o jornal. Em 1 minuto e 48 segundos, ele responde à pergunta de Mariana Godoy se a renúncia de Bento 16 poderia contribuir para cessar as disputas internas no Vaticano.

2.7 Metodologia

Este trabalho se propõe a analisar a apropriação do celular no telejornalismo no Brasil, em um canal de televisão fechado como a GloboNews. Para isso, foi necessário fazer inicialmente uma revisão bibliográfica sobre os conceitos de telejornalismo e de tecnologia na mídia. O estudo também analisou cinco reportagens de Gerson Camarotti por meio do telefone celular no Jornal das Dez, da GloboNews.

Foram elas nas edições de 17 de janeiro de 2013, 22 de abril de 2014, 2 de julho de 2014, 28 de outubro de 2014 e 20 abril de 2012. Também são levados em conta os comentários feitos logo após a exibição das reportagens, para depreender se a notícia é aprofundada nesse espaço.

O tempo e assunto das reportagens estão detalhados no item a seguir. A descrição dos cinco VTs se deu na sequência que melhor forma o *corpus* de análise.

A metodologia aplicada neste trabalho é o estudo de caso. Para Marilda Marfan (1986, p.44), ao elaborar resenha sobre Menga Ludke e Marli André, a metodologia do estudo de caso deve ter contornos definidos e delimitados. O caso estudado, segundo os autores, destaca-se por constituir uma unidade dentro de um sistema mais amplo. É necessário, portanto, ter cuidado para não cometer deduções generalizadoras oriundas daquilo que é observado.

O teórico Robert Yin (2001, p.24), ao comparar diversos procedimentos de investigação científica, afirma que o método de estudo de caso consiste em responder as questões “como” e “por que”, considerando os acontecimentos contemporâneos, ou seja, o contexto do *corpus* analisado. Como forma de empreender o estudo, o pesquisador lança mão da capacidade de observação direta dos fatos e da realização da possibilidade de realizar uma série sistemática de entrevistas (YIN, 2001, p.27).

Com a mesma visão, a pesquisadora Odília Fachin considera o estudo de caso um método de análise abrangente, oriundo de um estudo intensivo empreendido. “No método do estudo de caso, leva-se em consideração, principalmente, a compreensão do assunto investigado. Todos os aspectos do caso são investigados.” (FACHIN, 2005, p.45).

3 CORPUS DE ANÁLISE

Este estudo analisou cinco participações de Gerson Camarotti na GloboNews durante o trabalho dele na emissora de televisão fechada. Foram elas, nesta sequência que melhor forma o *corpus*: as edições de 17 de janeiro de 2013, 22 de abril de 2014 e 2 de julho de 2014, 28 de outubro de 2014 e 20 abril de 2012. Todas elas mostram o uso de imagens registradas por meio do telefone celular pelo repórter.

O primeiro VT, sobre um jantar de arrecadação para pagar multa dos condenados no Mensalão, foi um dos primeiros a usar o telefone celular na GloboNews. Ele tem duração de 1 minuto e 25 segundos.

Com 3 minutos e 24 segundos de duração, a segunda reportagem analisada mostra as primeiras denúncias contra a Petrobras envolvendo a refinaria de Pasadena, que teria sido adquirida por um preço maior do que ela valeria de fato. A oposição tentou criar uma comissão de inquérito (CPI).

A terceira reportagem, com 2 minutos e 27 segundos, trata dos desdobramentos das denúncias na estatal, cerca de três meses depois. A comissão parlamentar para investigar a Petrobras foi criada, mas a oposição critica governistas, que presidem a CPI, de atrapalharem os trabalhos. O VT começa com um relatório do Tribunal de Contas da União, revelado pelo jornal “Estado de S.Paulo” e obtido pelo repórter, que pede ressarcimento dos dirigentes da estatal na compra da refinaria de Pasadena.

Após a reeleição de Dilma Rousseff à Presidência, o Congresso já articulou a sucessão da presidência da Câmara. Esse é o tema do quarto VT, com 2 minutos e 14 segundos, que mostra a insatisfação da base aliada com o governo federal.

Finalmente, a quinta reportagem trata de uma entrevista exclusiva do repórter Gerson Camarotti com o ex-diretor geral do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), Luiz Antônio Pagot, que foi demitido em 2011 por suspeitas de irregularidades. Na entrevista, o gestor se disse injustiçado após vazarem conversas telefônicas que indicariam que ele teria sido alvo de uma manobra para retirá-lo do Dnit. A entrevista exclusiva, feita por meio do telefone celular, foi exibida no Jornal Nacional.

As participações sem telefone celular, arroladas no item 6.1, também são analisadas. O objetivo de considerá-las é analisar progressivamente de que forma um repórter que teve origem no jornal impresso se adaptou à linguagem televisiva e ao mesmo tempo à técnica de filmagem e ao aparelho celular que possui. Assim, é possível investigar se recorrer ao *smartphone* cabe em todo tipo de reportagem ou o “estilo” é utilizado apenas para pautas específicas.

Além das edições apresentadas a seguir, foram realizadas entrevistas com o repórter Gerson Camarotti, o chefe de jornalismo da GloboNews em Brasília, Pedro Godoy, a editora de texto Joelma Chaves e o editor de imagens Pedro Maia. Eles são responsáveis diretos pela edição de grande parte do conteúdo analisado aqui, veiculado no Jornal das Dez, principal telejornal do canal.

3.1 A aparição de imagens feitas pelo telefone celular

A edição do dia 17 de janeiro de 2013, analisada neste estudo, apresenta a chegada de imagens registradas pelo *smartphone* do repórter Gerson Camarotti. Ele cobriu um jantar organizado pela juventude petista para arrecadar dinheiro com o objetivo de pagar as multas dos condenados do Mensalão. Os convites para o jantar variavam de R\$ 100 a R\$ 1 mil e as multas exigidas pelo Supremo Tribunal Federal passavam de R\$ 1,8 milhão.

Camarotti foi ao jantar e conversou com o líder da juventude petista do Distrito Federal, Pedro Henrich; o dirigente do PT no DF, Ademar Nogueira; a advogada Marília Gabriela, que criticou o evento. Também entrevistou Marthius Lobato, o advogado de Henrique Pizzolato, condenado no julgamento. Lobato elogiou a ideia petista de arrecadação de dinheiro. Todas essas pessoas foram entrevistadas com telefone celular. Como o entrevistado está muito próximo da câmera, no caso, o telefone celular, os créditos dele na televisão acabam cobrindo o seu rosto.



Figura 9: *take* da reportagem de Gerson Camarotti no Jornal das Dez do dia 17 de janeiro de 2013. Tempo de VT: 1 minuto e 25 segundos

Em nenhum momento durante o VT, que teve duração de 1 minuto e 25 segundos, o repórter Gerson Camarotti aparece no vídeo. Ele permanece por trás do aparelho celular, que registra o jantar. No entanto, a voz dele é presente no decorrer da reportagem. Por exemplo, em dois trechos: “Eu vou falar com o Pedro, que comanda a juventude petista” e “Também há críticas no evento do PT para arrecadar recursos”. Na reportagem desta edição, não há narração em *off* pós-gravada. Isso significa que a narração do repórter que aparece no vídeo foi feita enquanto ele gravava as imagens. O texto da reportagem foi construído no decorrer da cobertura do fato.

Nota-se uma moldura envolvendo as imagens registradas por Camarotti. Essa espécie de moldura, chamada de “máscara”, é utilizada, individualmente, para diferenciar as imagens registradas por meio do telefone celular das imagens feitas pelas câmeras convencionais. Elas estão um tanto tremidas nos momentos em que o repórter registra as imagens de apoio, que mostram o contexto do fato, como o interior do restaurante onde foi feito o jantar. No entanto, nas entrevistas, Camarotti manteve a imagem estável o suficiente para não causar estranhamento ao telespectador. O som é percebido com certo ruído. Ele pode ser evitado, com a aproximação do entrevistado do aparelho. Porém, com prejuízos à imagem, tendo a fonte próxima demais do quadro.

Ao fim da reportagem, há 2 minutos e 48 segundos de comentário — mais do que o tempo do próprio VT. Camarotti comentou o fato de o jantar ter sido esvaziado. Em um espaço onde cambiam 120 pessoas, foram somente 60. Nenhum dirigente nacional compareceu. Para o repórter-comentarista, isso significava que o evento não tinha apoio de muitos integrantes do partido e do Planalto, que o enxergavam como tentativa de reacender o escândalo na opinião pública. Após o comentário de Camarotti, o comentarista de política Merval Pereira também tece a opinião dele, como o faz habitualmente a editora Renata Lo Prete, que estava ausente nesta edição.

3.2 Denúncias na Petrobras

Após o repórter Gerson Camarotti recorrer durante mais de um ano ao telefone celular para fazer cobertura política na GloboNews, a nova forma de reportagem conseguiu se consolidar. Um exemplo é o VT da edição de 22 de abril de 2014, no Jornal das Dez. A reportagem, que abriu o jornal, trata de denúncias sobre a refinaria de Pasadena e a repercussão que o escândalo gerou no Congresso: a oposição tentou protocolar Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) e o Planalto ficou em estado de atenção após o ex-presidente da Petrobras, José Sergio Gabrielli, dizer que a presidente Dilma tem parcela de culpa nos negócios da estatal.

Com 3 minutos e 24 segundos, o VT começa com imagens de apoio da refinaria nos Estados Unidos, registradas por aparelhos convencionais. Em seguida, a matéria apresenta um fac-símile da Folha de S. Paulo, que primeiro noticiou as denúncias. Quando o repórter menciona a entrevista exclusiva de Gabrielli à TV Globo, são utilizadas imagens do diretor durante a narração. Nessa primeira parte, a reportagem situa o telespectador contextualizando as informações que se tem. O trabalho de apuração própria, o esforço de reportagem, começa em seguida, quando Camarotti entrevista um líder da oposição na Câmara, o deputado Fernando Francischini (SD-PR). Ele é entrevistado no Salão Verde do Congresso, por meio do telefone celular do repórter. A máscara presente para indicar que se trata de imagens fora do convencional

ainda é utilizada. Vale ressaltar a preocupação do repórter em fazer imagens de apoio, como o deputado conversando no plenário. Essas imagens são usadas para “cobrir” o *off* da matéria.



Figura 11: *take* da reportagem de Gerson Camarotti da edição de 22 de abril de 2014. Créditos ‘escondem’ entrevistado em reportagem sobre Petrobras. Tempo de VT: 3 minutos e 24 segundos

Para fazer o contraponto, o líder do PT na Câmara, deputado Vicentinho (SP) também foi entrevistado. Da mesma forma que o opositor, o parlamentar foi registrado no plenário e entrevistado, por meio do telefone celular, no Salão Verde. Os sons que vão ao ar são captados somente pelo próprio *iPhone* do repórter. Não há microfone profissional envolvido nesta reportagem e não se vê microfone de nenhuma concorrente fazendo a mesma entrevista.

Em seguida, quando o texto se refere a uma comissão externa da Câmara, são novamente usadas imagens da TV Globo. Elas deixam de ser utilizadas quando outro parlamentar é entrevistado: Lúcio Lima (PMDB-BA), um dos integrantes da comissão.

A cobertura de bastidor se intensifica quando Camarotti se insere no gabinete do líder do DEM na Câmara, o deputado Mendonça Filho (PE). Neste caso, Camarotti presencia uma ligação telefônica entre o líder do partido de oposição e a ministra do Supremo Tribunal Federal Rosa Weber. “E se por ventura disser que é ampla, a gente

pode agravar dessa decisão para o pleno?”, pergunta o deputado, ao telefone. Logo depois, Camarotti questiona o deputado sobre a expectativa da decisão da ministra se poderia haver decisão em favor de uma Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI). A entrevista é feita ainda no gabinete, com o parlamentar sentado.



Figura 12: outro *take* da reportagem na mesma edição do Jornal das Dez. O repórter se infiltra em gabinete de deputado da oposição e flagra conversa com ministra do STF

O líder do partido no Senado, Humberto Costa (PE), também foi entrevistado nesta matéria, defendendo a criação de uma CPI ampla. Costa e Mendonça Filho ficam mais longe da câmera, portanto os créditos não cobrem parte do rosto deles. Há boa luminosidade, o que faz com que não haja muito estranhamento por parte do público. A única diferença fica na captação do som, que é bom no interior do gabinete, mas ruim com os demais entrevistados ao longo do VT. Eles foram abordados por Camarotti durante o toque da sessão deliberativa, uma espécie de sino que avisa quando chega a hora de tratar da ordem do dia.

A matéria não tem passagem, ou seja, ele não aparece no vídeo. A presença visual do repórter na reportagem se dá em um *link* ao vivo, direto do estúdio em Brasília. No momento, Camarotti complementa a própria reportagem oferecendo uma análise política. Ele destaca informações obtidas “em *off*”, quando não se pode revelar

a fonte. De acordo com o repórter, o Palácio do Planalto estaria com em alerta por causa da entrevista de Gabrielli, que teria irritado a própria presidente.

3.3 Desdobramentos Petrobras

Três meses depois de ir ao ar a reportagem descrita anteriormente, o assunto Petrobras continuou em pauta. Camarotti teve acesso um relatório do Tribunal de Contas da União (TCU), revelado pelo jornal “Estado de S.Paulo”, em que o tribunal orienta ressarcimento de US\$ 873 milhões pela compra da refinaria de Pasadena por parte dos dirigentes da estatal à época.

O bloco político do Jornal das Dez começa de forma semelhante aos outros exemplos descritos. Mariana Godoy introduz o assunto chamando a editora de política Renata Lo Prete, que anuncia o VT.

A reportagem, de 2 minutos e 27 segundos, começa com um fac-símile do relatório do TCU, com narração em *off*. Quando o texto menciona o TCU e o ministro-relator, são usadas imagens de apoio da TV Globo para “cobrir” a narração.

A diferença vem a partir de 2 minutos e 35 de vídeo, quando Camarotti mostra a CPI mista da Petrobras vazia, já criada em relação ao VT anterior deste estudo. Em seguida, aparece novamente o líder de um partido de oposição, o deputado Fernando Francischini (SD-PR). Camarotti registra imagens do deputado falando com jornalistas, mas a entrevista que vai ao ar é somente entre o repórter, o telefone celular e o deputado, por não haver microfone de outras emissoras. O que há de diferente em relação à reportagem descrita anteriormente é que deixou de ser utilizada a máscara no vídeo, para indicar que as imagens são de telefone celular. Elas são mescladas ao vídeo como se fossem imagens tradicionais registradas pela equipe de reportagem cinematográfica.



Figura 13: *take* da edição do Jornal das Dez de 2 de julho de 2014. Moldura para indicar imagens de celular deixa de ser usada. Tempo de VT: 2 minutos e 27 segundos

A qualidade da imagem é bastante superior em relação às outras tentativas do repórter em registrar os fatos pela câmera do telefone. Como a luz do Congresso na ala de comissões é mais forte que a do Salão Verde, a qualidade da imagem fica nítida, sem aparentar granulações.

Neste dia, outros repórteres cobriram o fato, inclusive jornalistas da GloboNews para outros jornais da emissora. Porém, apesar de as equipes registrarem o ambiente da CPI, a preferência do Jornal das Dez é pelas imagens do repórter-cinegrafista. É o exemplo desta imagem de apoio, que mostra o relator da CPI, Marco Maia (PT-RS), conversando ao lado de Francischini com jornalistas.



Figura 14: *take* da mesma reportagem que demonstra preferência do jornal para imagens de apoio realizadas pelo próprio repórter. No vídeo, deputados Marco Maia e Fernando Francischini

Em seguida, aparece a entrevista pessoal de Camarotti com o relator da CPI, dentro da sala de comissão. Mais uma vez, a entrevista é individual. Não se trata de um “quebra-queixo”, termo utilizado no jargão jornalístico quando o entrevistado fala de forma coletiva para vários veículos ao mesmo tempo com os microfones dessas empresas apontados para ele. Esse tipo de entrevista é comum no Congresso Nacional. A entrevista é só para o repórter da GloboNews.



Figura 15: *take* do mesmo VT no Jornal das Dez. Relator da CPMI, deputado Marco Maia, dá entrevista para Camarotti olhando para telefone celular

Novamente, a qualidade da imagem não deixa a desejar em comparação às imagens comuns no jornalismo televisivo. A estratégia de levar o entrevistado para um local mais isolado promove ganhos de qualidade também no som. O presidente da CPMI, Marco Maia, fala de forma clara, com voz impostada, como se falasse em qualquer outra entrevista comum.

Camarotti não aparece no vídeo ao longo do VT. A participação dele, mais uma vez, é direto do estúdio em Brasília. Ele responde à pergunta de Renata Lo Prete sobre o conteúdo dos relatórios do TCU. O repórter apresenta informações de bastidores, quando diz que “a estratégia do PT agora é tentar esvaziar a votação [do TCU], tentando desqualificar o ministro José Jorge porque ele foi do PFL”. A editora de política também faz a sua análise em seguida, informando sobre a nota técnica emitida pela

presidente Dilma Rousseff em que afirma que autorizou a compra de Pasadena sob parecer jurídico e técnico falho. Segundo Renata, o Planalto calculou a reação negativa que a nota traria envolvendo o partido no noticiário, mas preferiu agir assim para que a presidente não sofresse desgaste como má gestora.

3.4 Congresso pós-eleição

Dilma Rousseff foi reeleita presidente da República em 26 de outubro. A eleição mexeu também com a configuração da bancada no Congresso Nacional. A reportagem de Camarotti de 28 de outubro no Jornal das Dez mostra a articulação para definir a presidência da Câmara, uma vez que os aliados do Planalto estão em desacordo com o governo por falta de apoio em palanques estaduais nas campanhas.

O VT é anunciado por Renata Lo Prete: “A gente vai ver tudo isso na reportagem de Gerson Camarotti que traz os bastidores dessa disputa, que só deve ser definida em fevereiro”.

A reportagem já começa com imagens feitas por telefone celular, mostrando o atual presidente da Câmara, Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN), enquanto o repórter contextualiza o assunto. Em seguida, aparecem imagens do plenário e de conversas entre parlamentares. A entrevista com Alves acontece logo depois, mais uma vez, de forma exclusiva para Camarotti, por não haver microfone de outra emissora. Também é ouvido o líder do partido de oposição, deputado Rubens Bueno (PPS-PR).

Ao entrevistar o vice-líder do PMDB, o deputado Lúcio Lima (BA), a reportagem traz algo que poucas vezes aparece no telejornalismo: quando o repórter coloca a pergunta da entrevista no ar. A pergunta chega a “aparecer”, na maioria das vezes, quando o repórter emenda uma resposta com outra pergunta e o conjunto vai ao ar para evitar edição. No caso da reportagem analisada, Camarotti indaga, por detrás do telefone celular: “O que a gente está vendo é um veto que já existe do Palácio do Planalto a um membro da bancada: a do líder Eduardo Cunha...”. O deputado responde

que, se o governo quer dialogar, não deveria apresentar vetos a nomes de parlamentares.



Figura 16: *take* da reportagem de Gerson Camarotti na edição de 28 de outubro de 2014. Repórter registra imagem de apoio para ilustrar clima no plenário da Câmara após segundo turno de eleições. Tempo de VT: 2 minutos e 14 segundos

Citado, Eduardo Cunha aparece andando pelo Salão Verde, enquanto o repórter o acompanha, com a câmera gravando. Em um momento, no som ambiente do VT, é possível ouvir Camarotti dizendo a Cunha: “O pessoal já está lançando [a sua candidatura] no seu partido”. A entrevista de Cunha vem em seguida, ao dizer que o Planalto não deve “se meter” no Legislativo.

Camarotti também procurou parlamentares do partido do governo para comentar a alegação. Em entrevista, o deputado Fernando Ferro (PT-PE) afirmou que as “ameaças” contra o governo “podem ter respostas”. O líder do governo, Henrique Fontana (PT-RS) também foi ouvido. Ele diz que existem negociações em curso para agradar a todas as bancadas antes de lançarem um nome para a presidência da Câmara.



Figura 17: outro *take* da mesma reportagem do Jornal das Dez. O repórter acompanha o entrevistado, deputado Eduardo Cunha, pelo Salão Verde com câmera enquanto grava com o telefone celular

Todas as entrevistas citadas aqui aparecem sem a chamada “máscara”, envolvendo o material. Tampouco aparecem legendas informando que tratam-se de imagens capturadas pelo telefone celular.

Apesar de os trechos de entrevistas estarem com o som levemente estourados, isso torna a reportagem mais realista, aproximando o telespectador do clima de correria na Casa após as eleições.

Em comparação com os VTs descritos até então, este é o primeiro com estritamente todos os *takes* feitos por meio do telefone celular. Nenhuma imagem apresentada, em 2 minutos e 14 segundos de reportagem, foi registrada se não pelo *smartphone* de Gerson Camarotti.

Novamente, a presença à frente do vídeo é garantida na etapa do comentário político logo após a reportagem. Em *link* direto do estúdio da GloboNews em Brasília, o repórter traz a Renata Lo Prete informações de bastidor, como uma recepção para líderes do PMDB, organizada por Eduardo Cunha. Também disse que o lançamento do nome de Cunha para presidir a Câmara é “um nome indigesto para a presidente Dilma”. Renata complementa a análise política em seguida.

3.5 'Deu no JN'

Em 20 de abril de 2012, o Jornal das Dez exibiu uma entrevista exclusiva de Gerson Camarotti com o ex-diretor-geral do Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes (Dnit), Luiz Antonio Pagot. Ele foi demitido em 2011 entre dezenas de servidores supostamente envolvidos em irregularidades no Ministério dos Transportes. A demissão em massa na pasta, que ficou conhecida como “faxina”, foi determinada pelo Planalto por suspeita de superfaturamento em obras e direcionamento de licitações.

Este estudo não conseguiu acesso à íntegra da reportagem veiculada pela GloboNews porque foi retirada do ar na plataforma de vídeos do canal. No entanto, é possível verificar o conteúdo da reportagem por meio de uma notícia no portal G1, com base na matéria de Camarotti²⁵. A menção a esta reportagem aqui foi sugerida pelo próprio repórter por ele considerar a repercussão que teve.

Em 2011, ainda no cargo, Pagot disse em depoimento à Comissão de Serviços de Infraestrutura do Senado, que o partido ao qual é filiado, o PR, não utilizou o órgão para benefício próprio.

Um ano depois, a Polícia Federal teve acesso a gravações que mostram o bicheiro Carlinhos Cachoeira, preso por suspeita de exploração de jogo ilegal, como articulista na queda de Pagot do Dnit. A chamada telefônica grampeada pela PF é entre Cachoeira e o ex-diretor da empresa Delta, Cláudio Abreu. A Delta era maior empreiteira contratada pelo governo para garantir obras do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC).

A entrevista exclusiva de Camarotti com Pagot ocorreu para repercutir com o antigo diretor do Dnit as denúncias envolvendo Cachoeira. Pagot revelou ao repórter que o deputado Valdemar da Costa Neto, também do PR, atuava como “um verdadeiro agente da Delta” junto à autarquia. Costa Neto era responsável pela contratação de obras em rodovias no país.

²⁵ Notícia do G1: <<http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/04/ex-diretor-do-dnit-aponta-ligacao-de-deputado-do-pr-com-delta.html>>. Acesso em 30/10/2014.

Quando o repórter perguntou se Costa Neto tinha sucesso em atuar em nome da Delta, Pagot disse que “muitas vezes sim, outras vezes não. E quando ele não tinha, a raiva crescia. Tanto que ele fez vários movimentos para me tirar do Dnit”.

A entrevista de Camarotti gerou uma repercussão tão grande, que o material, registrado por telefone celular, foi veiculado no dia seguinte no Jornal Nacional da TV Globo, em horário nobre na televisão aberta.

A reportagem de Gioconda Brasil, da Rede Globo, começa introduzindo as gravações entre Cachoeira e Cláudio Abreu, em que o bicheiro diz que “plantou na mídia” informações contra Pagot.

Logo depois, Gioconda chama a entrevista exclusiva: “Ontem, em entrevista ao repórter da GloboNews Gerson Camarotti, Pagot acusou Abreu e Cachoeira de terem armado contra ele, que teria contrariado os interesses da dupla. E acusou o presidente de honra do PR, deputado Valdemar Costa Neto de fazer *lobby* para a construtora”.

Pagot diz, sentado em um sofá, de terno, que “[Costa Neto] era um verdadeiro agente da Delta dentro das instituições”. A reportagem do Jornal Nacional só usou esse curto trecho de entrevista, mas desenvolveu o assunto, com a reação de Dilma, que instaurou um “pente fino” para analisar os contratos do governo com a Delta e a abertura de investigação contra a empreiteira pela Controladoria-Geral da União.



Figura 18: *take* da reportagem de 21 de abril de 2012, no Jornal Nacional. Imagens são de Gerson Camarotti. Elas aparecem com legenda e referência a captação via *smartphone*

O conteúdo do repórter da GloboNews aparece com a inscrição “IMAGEM DE CELULAR”. A sonora de Pagot é transmitida com legendas, por mais que o áudio seja perfeitamente compreensível. Na GloboNews, o material não é legendado, nem recebe indicação de que foram feitos pelo telefone celular. A única indicação era a moldura, chamada máscara, no vídeo, algo que foi derrubado ao longo do tempo no canal.

4 ANÁLISE

A partir da descrição das reportagens realizada anteriormente, pode-se perceber que o telefone celular foi ganhando espaço em um canal tradicional de comunicação como a GloboNews, de maneira progressiva.

A análise abordará as reportagens descritas sob o ponto de vista da propriedade de imagem, do conteúdo apurado, da noção de bastidor e da rotina de produção que visa a produzir material jornalístico por meio do telefone celular.

4.1 Propriedades da imagem e do aparelho

Em um primeiro momento, as imagens na GloboNews continham um selo o qual indicava ao telespectador que as imagens às quais estava assistindo não eram convencionais. Não somente por terem sido registradas com outro tipo de equipamento, mas também por outro tipo de profissional. Um profissional que teve de se apropriar do fazer o qual era função de seu colega de equipe: o repórter cinematográfico. Um repórter que passou a escrever com o texto e com a câmera.

Isso não impede de denotar uma melhora significativa na qualidade das imagens no quesito técnico. O vídeo registrado por *smartphone* aparece menos tremido ao longo dos anos, com melhor som e nitidez de imagem. Obviamente, houve melhora na qualidade dos aparelhos envolvidos para aproveitar as imagens, mas é também um sinal de que o repórter-cinegrafista se naturalizou à nova linguagem televisiva conforme a prática. Porém, nada no jornalismo se faz sozinho. A evolução se deve também à equipe de produção (editor de texto e imagem) e aos próprios entrevistados que passaram a se familiarizar com a técnica relativamente vanguardista.

Em entrevista, Gerson Camarotti diz que o telefone celular que utiliza desde que começou a trabalhar com essa linguagem, um *iPhone 4S*, pertence à GloboNews. O repórter relata que em vários momentos a bateria do *smartphone* chegou a acabar, mas

que ele sempre anda com um carregador. Nos VTs, notou-se uma diferença na qualidade de som e de imagem. Por ser o mesmo aparelho, essa variação é explicada principalmente pelo *know how* do repórter, que passou a se acostumar à técnica: a gravação é mais estável e as entrevistas começaram a ser feitas preferencialmente em locais mais claros, com menor circulação de pessoas.

Para o jornalista, começar a empregar o aparelho foi um desafio, por não ter tanta familiaridade com o a tecnologia. “Fiquei com adrenalina. É muito cansativo porque uma coisa é conversar com as pessoas ao longo do dia, outra é mostrar isso. Você fica às vezes esperando horas um flagrante acontecer”, afirma. Enquanto trabalhava no jornal O Globo, Camarotti chegou a utilizar o telefone para tirar fotos em eventos políticos nos quais equipes de imprensa não podiam entrar. “Não sou uma pessoa de tecnologia, mas acho tão simples de gravar e editar. As pessoas colocam barreiras que não existem.”

O repórter da GloboNews se considera uma pessoa “anti-TV”. Ele diz que não faz parte do padrão tradicional que se vê normalmente nos telejornais. “Sou tudo o que alguém de televisão não é: não tenho voz de TV, aparência de TV, tenho um acento [sotaque]”, diz. Segundo Gerson Camarotti, o diferencial dele é o tratamento que ele dá à notícia. “Sou alguém que trabalha com o aprofundamento da informação, procurando sempre o bastidor.” A questão do bastidor nas reportagens analisadas será desenvolvida mais à frente.

Para o jornalista, a oportunidade de trabalhar com imagens é mais uma forma de desenvolver a informação. “No papel jornal você não podia fazer isso [uso de imagens por meio de smartphone]. Sou da cultura do jornal. Você pode contar tudo, só não pode mostrar. A internet é que começa a poder mostrar. A TV, com a evolução da tecnologia, passou a usar isso. Não sei se as pessoas vão fazer mais”, afirma. “[Graças à imagem], você humaniza as coisas mais sacras que existem, como religião, e humaniza também as articulações políticas. Você mostra como elas acontecem de fato.”

Chefe da GloboNews, Pedro Godoy, chegou a Brasília em 2010 com a mudança do Jornal das Dez, quando houve trocas na apresentação e no time de comentaristas. Ele afirma que houve um cuidado do canal em trazer imagens de dispositivo móvel para

o telejornal. Por isso, ele relata que a aparição dessas imagens foi progressiva. “No começo, procurou-se colocar uma máscara porque as pessoas iriam estranhar. Retiramos quando entendemos que as pessoas já tinham se acostumado.”

De acordo com Godoy usar imagens de telefone celular tem a ver também com cortes de custo. “Não tem sentido um canal de TV como a GloboNews ter uma estrutura cara. Uma agência de notícia tem que ser barata e rápida. Não faz mais sentido carregar três pessoas para fazer uma única imagem ou sair com um caminhão que dá trabalho para estacionar só para fazer um *link*.” No entanto, o repórter Gerson Camarotti diz que o investimento por trás da estrutura que trata o material de telefone celular pode ser dispendioso. A emissora faz um investimento pessoal com o repórter especial, com editores de texto e imagem que possam tratar o conteúdo feito com o aparelho, e toda a tecnologia para formatar o produto de forma adequada a ser exibido.

4.2 Conteúdo

Do ponto de vista daquilo que é registrado, também houve progresso significativo. O conteúdo gravado pelo telefone celular foi crescendo no VT, ao longo do tempo. Começando com poucos *takes* de imagens feitas por *smartphone*, em um período de dois anos, a GloboNews passou a exibir uma reportagem inteira produzida somente com imagens realizadas com o aparelho. Segundo Gerson Camarotti, isso se deve à mudança de formato: originalmente, somente poucos trechos da reportagem (como entrevistas) seriam registrados por telefone celular. Essas imagens foram ganhando espaço dentro da reportagem diária. “Todo mundo tinha resistência. Foi preciso mudar a cabeça de muita gente.” No entanto, o repórter diz não ter “ vaidade”: para ele, cabe a imagem que mostrar melhor a notícia, independentemente se for feita pelo telefone celular ou não.

Sobre a aparição do repórter no vídeo, em nenhum VT feito pelo jornalista ele é mostrado nas imagens. Camarotti não pede para ninguém gravá-lo, e afirma que já chegou até a fazer “*selfie*” em vídeo, mas o recurso só foi aplicado uma vez. “Era um

selfie justificado para mostrar o transcorrer do tempo. Mas prefiro não fazer. É você se valorizar demais”, diz o repórter. O esforço de reportagem é denotado de duas formas: tanto no decorrer da matéria, em que se ouve o repórter fazendo pergunta, quanto após o VT, com um comentário ao vivo.

Analisando o conteúdo desses comentários no estúdio, percebe-se que as informações nunca são redundantes em relação ao VT exibido anteriormente. O comentário é um complemento, sempre um bastidor trazido pelo repórter, como na edição de 2 de julho de 2014: “A estratégia do PT agora é tentar esvaziar a votação [do TCU], tentando desqualificar o ministro José Jorge porque ele foi do PFL”. Em todas as reportagens analisadas no *corpus* em que há comentário, a participação de Camarotti tratou do Palácio do Planalto. São informações de reação do governo frente ao fato reportado no VT. Nesse ponto, o comentário pós-reportagem funciona para relatar momentos que não podem ser mostrados. Como não se tem imagens da presidente Dilma “em alerta” ou em “estado de atenção”, essa informação, por mais que permita aprofundar o assunto, não tem espaço no VT – uma vez que o repórter não grava passagem.

O formato analisado neste estudo não recebe a mesma abordagem da GloboNews na emissora aberta do grupo, a TV Globo. Enquanto a GloboNews abre espaço para a experimentação por parte do próprio repórter, no Jornal Nacional, o tratamento é mais tradicional. As entrevistas são integralmente legendadas e recebem um crédito de que foram registradas por telefone celular. Esse mesmo crédito também é dado a cinegrafistas amadores, que flagram situações inusitadas e mandam para a redação dos telejornais. Quanto às legendas, é de praxe da TV Globo de descrever o áudio quando o registro não é por equipamentos convencionais da emissora. Isso acontece, por exemplo, em reportagens no Fantástico, em que se emprega o recurso da câmera escondida.

4.3 Bastidor

As reportagens realizadas por Gerson Camarotti no Jornal das Dez têm abordagem diferente das matérias feitas por outros repórteres nos telejornais do mesmo canal. Enquanto os demais VTs se atêm ao factual, Camarotti diz buscar sempre o bastidor do fato. Em entrevista para este estudo, o repórter especial afirma que “já sai da redação com uma ideia da construção do VT”. Por isso, ele diz que nunca participa de entrevista coletiva. Todas as entrevistas feitas pelo repórter são do estilo “exclusiva”. Isso porque, segundo Gerson Camarotti, as perguntas são diferentes daquelas feitas pelos demais repórter justamente pelo foco diferenciado do VT.

Outra liberdade que Camarotti tem no Jornal das Dez é a possibilidade de trazer o “*off*”, as informações cujas fontes não podem ser reveladas, para a televisão. A técnica é mais utilizada no jornalismo impresso e pouco se vê em televisão *hard news*. As informações exclusivas são percebidas no comentário político após a reportagem, ao vivo.

Para se chegar a informações privilegiadas, é necessário haver um contato constante com diversas fontes. São elas que garantem a profundidade da reportagem para além do que é notícia. Vale lembrar que em política, o que é visto de fora nem sempre é o que de fato se articula. Existe uma crença entre os jornalistas que cobrem o dia a dia da política de que um político que aspire a um cargo de ministro sempre irá negar o interesse caso lhe seja perguntado. Assim, para entender a complexidade da máquina estatal, é preciso cultivar os informantes, segundo Camarotti. “Desde o começo da minha carreira, marco almoço, jantar com minhas fontes”, diz. A autora Maria Estrela Serrano fundamenta essa necessidade de ir atrás do bastidor na cobertura política.

Os repórteres políticos cultivam as suas fontes. O acesso às elites do poder é essencial para um repórter político. As notícias políticas resultam de um processo de negociação entre fontes e jornalistas baseado em relações de confiança e, muitas vezes, de cumplicidades. A maioria das “estórias” sobre política baseiam-se em conversas informais ou entrevistas, ao contrário, por exemplo, das notícias sobre economia e justiça baseadas, sobretudo, em documentos (SERRANO, 2003, p.12).

Segundo Gerson Camarotti, foi após uma reunião que a diretora da GloboNews, Eugênia Moreyra, bancou a ideia de usar o *smartphone* como recurso. “Quando me chamaram, eu não sabia para onde ia. Eugênia me disse: ‘Quero que você faça o que fez no Globo’”, diz o repórter se referindo às notícias de bastidor. Ele afirma que em um primeiro momento, um cinegrafista chegou a acompanhá-lo durante o dia, mas o projeto foi deixado de lado logo no começo. “Um cinegrafista não entra em carro, elevador, gabinete sem ser percebido, ele não deixa as pessoas à vontade para a linguagem de bastidor que a diretora pediu. Foi aí que surgiu a ideia do celular.”

É justamente pela premissa de cobrir o bastidor que o uso do telefone celular se aplica, segundo o supervisor de jornalismo da GloboNews em Brasília, Pedro Godoy. Segundo Godoy, o uso do *smartphone* no canal tem a ver com o conceito de portabilidade, que possibilita desenvolver temas que não se desenvolvem em outro espaço na televisão. “Não vamos fazer com celular porque é legal, e sim porque é portátil, intimida menos. Ele permite fazer entrevista em qualquer canto, trazendo um depoimento que dificilmente a pessoa daria se fosse em frente a uma câmera [convencional]”, diz.

Cabe aqui voltar à teoria de Flusser, que diferencia o conceito de instrumento do conceito de aparelho. O telefone celular é mais do que uma simples ferramenta de auxílio na apuração durante o trabalho diário do repórter Gerson Camarotti, uma vez que as imagens produzidas adquirem valor simbólico no ato de informar sobre determinado assunto político em horário nobre, em um canal de televisão a cabo. O trabalho do repórter da GloboNews se encaixa também à visão de André Lemos mencionada anteriormente: de que o telefone celular permite elaborar um testemunho jornalístico e político sobre diversas situações cotidianas. No caso de Camarotti, o cotidiano se dá nos corredores da Praça dos Três Poderes. A preferência pelo Congresso Nacional é porque, segundo o repórter, “tem mais cenas acontecendo ao mesmo tempo”, mas isso não o impede de fazer uma reportagem envolvendo somente o Executivo ou Judiciário.

Ter acesso aos bastidores políticos, contato direto com fontes do “alto escalão” não é algo que todo repórter consegue facilmente. Gerson Camarotti revela que boa

parte são fontes que mantém desde que trabalha com política, há cerca de 20 anos. Mas o jornalista diz que também existem fontes construídas mesmo depois de ter passado a usar o telefone celular. “Fazer fonte é obrigação de todo repórter”, afirma.

A linguagem que se incorpora de vídeos registrados por *smartphone*, no entanto, não é exclusiva a Camarotti, como explica Godoy. Ele diz que existe uma diretriz da direção da GloboNews que incentiva o uso desse tipo de imagem por repórteres e produtores, todos munidos de um *smartphone* pelo canal. “A reportagem dele [Gerson Camarotti] se encaixa com o tipo de reportagem que deve ser feita pelo celular. Ele só é usado quando for necessário, até porque as câmeras convencionais que usamos também estão ficando menores.”

Do ponto de vista das fontes, o emprego do telefone celular na cobertura de política foi benéfico, segundo Gerson Camarotti. “As pessoas não se sentem intimidadas. Eu acho que é uma readaptação. Os mais inteligentes hoje fazem questão [de falar com esse tipo de câmera]. Eduardo Campos, Aécio Neves e mesmo Dilma paravam para falar, sacaram antes. Eles entendiam minha linguagem.”

O que o chefe da GloboNews em Brasília destaca, durante a entrevista, é a preocupação do canal com o conteúdo apurado. “A ditadura da qualidade da imagem acabou. Agora é a ditadura do conteúdo. Se for importante, vai ao ar.”

4.4 Rotina de produção

De acordo com o supervisor da GloboNews em Brasília, Pedro Godoy, a prioridade da emissora é usar as imagens feitas pelo próprio repórter, por mais que outra equipe do canal tenha registrado uma com “melhor qualidade”. Godoy afirma que Camarotti precisou se adaptar à linguagem televisiva. “Hoje ele pensa como a imagem será usada e é totalmente capaz de fazer VT ‘normal’ também, com passagem e tudo”, diz.

As reportagens de Gerson Camarotti têm o intuito de mostrar o cotidiano da política em Brasília da forma como ela é. No Congresso Nacional, outros repórteres

começam a usar os *smartphones* para registrar o dia a dia no legislativo. Mas o que difere o trabalho deles com o de Camarotti, segundo o próprio repórter, é fato de ele retratar as articulações políticas como elas são. “Os outros colegas, para gravar 30 segundos, tiravam a pessoa do seu ambiente normal, filmavam e gravavam. Eu pego as pessoas andando, fugindo, correndo, entrando no elevador. Quanto mais espontâneo para mim, melhor”, compara.

Uma dificuldade que editores têm na hora de “fechar” o material é quando o repórter constrói o texto sem saber que imagens foram registradas. Isso não acontece quando o repórter é o seu próprio cinegrafista, diz o editor de imagens Pedro Maia. Ele afirma que o processo de edição das matérias de Camarotti são mais rápidas porque o repórter já tem noção de que trechos de entrevistas e imagens pretende usar e tem mais propriedade para opinar na edição.

É também o que afirma a editora de texto Joelma Chaves, em entrevista. “O fato de Camarotti ter feito as próprias imagens faz com que, com certeza, ele saiba o que irá valorizar”, disse. Durante um ano, Joelma foi responsável por checar e decupar todas as imagens que havia no celular de Camarotti quando ele voltava para a redação. Por ser mais familiar à linguagem televisiva, com 14 anos de TV Globo, muitas vezes uma imagem, um detalhe que escapou a Camarotti é sugerido por ela no texto. “Às vezes, eu sugeria algumas mudanças no texto só para a gente usar uma imagem que era boa e que valia a pena.” A editora de texto diz que Camarotti costuma chegar à redação por volta das 19h, relativamente tarde para finalizar o jornal. Por isso, ela afirma que o VT deve ser construído ao longo do dia. Enquanto está na rua, o repórter dá detalhes de quem já entrevistou, o que já falaram, por telefone. “Faço questão de mostrar minhas imagens para o editor [de texto]. Vou lá na ilha conversar com o editor de imagem. Escolho aquelas que melhor combinam com o *off*”, diz o repórter.

Pedro Maia edita os VTs de Camarotti desde julho de 2013 e conta que tem liberdade para ousar na edição. “É uma linguagem mais crua, mais ligada à internet do que à televisão. Meus colegas têm certo preconceito porque acham que a qualidade fica ruim, e não entendem que é outra linguagem. Quase um outro jeito de editar”, afirma. Joelma Chaves diz que essa forma de editar é proposital, para ressaltar o clima

de bastidor, dissertado no item anterior. “Essa ‘câmera nervosa’ é interessante porque dá a impressão de bastidor. E o público percebe isso.”

A liberdade também existe no sentido de propor mudanças ao estilo do repórter ao longo do tempo, para adaptar essas imagens à narrativa televisiva. “Editando os VTs dele, passei a pedir: ‘me dê mais opções’. Ou seja, mais imagens de cobertura, mais sonoras, mais próximas e mais longe do entrevistado”, relata Maia.

Um problema percebido na observação de algumas reportagens neste estudo é o do som ambiente, que chega a ficar forte demais em relação à entrevista. Esse é um trabalho a mais na hora de editar, em comparação às reportagens convencionais. “Tenho que corrigir isso na pós-edição. É uma coisa fácil que o cinegrafista já arruma na câmera, mas o celular não permite isso”, diz. Gerson Camarotti afirma ter adquirido um microfone focal, que reduz o som do ambiente, mas a experiência não foi positiva. “Ele não captava minha voz e você tinha de ficar parado, então reduz a espontaneidade. Ele falha muito. Cheguei a perder sonoras.”

A própria natureza das imagens de telefone celular obrigou os profissionais de edição a se adaptarem e criarem novas formas de tratar o conteúdo. “Como existe a tarja de créditos da GloboNews, a gente tenta fazer uma imagem mais aberta pra não sair em cima da pessoa. Nas sonoras, usamos o corte seco, sem *flash*, para manter uma linguagem amadora”, completou o editor de imagens Pedro Maia. Ele relata que já aconteceu de Camarotti apertar no *stop* antes de terminar de gravar, sem perceber. Outra situação curiosa a que os profissionais tiveram de se adaptar aconteceu durante a apuração de Camarotti para o comentário pós-reportagem, ao vivo, no Jornal das Dez. “O celular dele não é usado só para gravar imagem. Ele também usa para fazer ligações. Na hora, a gente precisava de um *take* no celular dele, mas não teve como pegar porque ele estava ocupado apurando. Tivemos que dar um jeito.”

A editora de texto Joelma Chaves reforça: “Às vezes, a imagem pode estar tremida, mas isso não é o importante. O importante é sempre o conteúdo e isso é feito para valorizar o esforço do repórter”.

Houve também investimento da emissora para tratar corretamente as imagens. “A geração (área operacional responsável pelas imagens usadas) da TV Globo adquiriu

um equipamento especialmente para poder passar as imagens de Camarotti em HD. Antes, era somente em SD, simulando HD. Isso permitiu maior definição e mais informação na imagem”, continua Pedro Maia.

Uma imagem em SD (*standart definition*) tem qualidade analógica, com proporção de 4:3. As imagens digitais, em HD (*high definition*), se adaptam à nova geração de televisores e dispositivos móveis, com proporção de 16:9. Assim, a tela em HD se expande, oferecendo maior número de informações no vídeo.

O editor de imagem de 23 anos acredita que o interesse em *vlogs* e outros conteúdos jovens o ajudou a entender e construir a linguagem de Camarotti na GloboNews. “O foco dele é o celular e usamos as imagens dele para mostrar que o aparelho dele chega em todo lugar. Inclusive naqueles lugares em que as outras câmeras não chegam.”

O repórter da GloboNews encerra a entrevista dele fazendo uma consideração nessa mesma linha, discorrendo sobre as vantagens que o celular trouxe, como a espontaneidade na cobertura de notícias. “Às vezes as melhores sonoras são as inesperadas. Algumas vezes, até a negativa da pessoa diz alguma coisa [mais do que se ela tivesse parado para falar em frente às câmeras]”, conta. “Para mim, a notícia é o principal. O celular é um instrumento a mais. Onde a notícia estiver você tem de ir”, finaliza.

5 CONCLUSÃO

A partir da análise de reportagens de Gerson Camarotti realizadas por meio do telefone celular e de entrevistas com os responsáveis pela realização desse produto, é possível entender o impacto que o aparelho teve no processo jornalístico em televisão.

Existe um consenso de que a linguagem é diferenciada em relação àquilo que pode ser visto tradicionalmente na GloboNews. Com preocupação pelo conteúdo registrado, a edição é mais crua, menos lapidada. Esse olhar é proposital e tem o objetivo de mostrar que tanto o repórter quanto o telefone celular dele têm acesso a todo tipo de ambiente, normalmente fechado aos demais jornalistas.

Vale considerar que na televisão fechada, com público mais segmentado, permitem-se maiores e mais ousadas experimentações. A televisão aberta, mais resistente a inovações que alterem o padrão do modo de fazer, só incorpora essas mudanças depois de comprovado o sucesso nas emissoras pagas. Exemplo disso é a forma com que o Jornal Nacional tratou a entrevista exclusiva feita pelo repórter Gerson Camarotti, mas também o tempo que o telejornal mais visto do país levou para introduzir a redação ao vídeo – enquanto essa incorporação já era usual na televisão fechada.

É claro que a credibilidade do repórter e o contato com fontes cultivadas ao longo da carreira tem importância na qualidade do conteúdo que vai ao ar, todos os dias no canal fechado. Entretanto, o aparelho utilizado, em si, também traz vantagens como novo mecanismo de apuração ou pelo menos como nova forma de abordar a notícia. O telefone celular intimida menos, cabe no bolso e não requer uma equipe de, no mínimo, duas pessoas para registrar uma cena inusitada no Congresso ou em uma entrevista exclusiva concedida em cima da hora.

De forma que pode até aparentar improviso, o *smartphone* se mostrou um aparelho ideal para registrar momentos instantâneos. Quando se fala da cobertura dos Poderes em Brasília, cabe lembrar que políticos são treinados para dar entrevistas e se posicionarem da melhor forma frente às câmeras. No entanto, o telefone celular consegue captar a *persona* política sem a “*mise en scène*” característica. É o caso do

entrevistado que sai caminhando depressa pelo Salão Verde da Câmara dos Deputados enquanto o repórter “cola” atrás dele.

Pelo fato de o repórter ser também o próprio cinegrafista – além de tampouco recorrer à figura do produtor, responsável por gerenciar a questão logística da reportagem –, o conteúdo que vai ao ar é diretamente associado ao esforço de apuração de uma só pessoa. O jornalista sabe o que pretende gravar e tem noção clara de que caminho pretende trazer para o material. O resultado disso é uma reportagem autoral, que demonstra o empenho do repórter em ir atrás daquilo que acredita ser essencial para retratar a notícia. Como diz o repórter Gerson Camarotti, em entrevista: “Eu mesmo me pauto. Logicamente converso com a edição do jornal para afinar. Às vezes é a pauta do dia, às vezes eu investigo assuntos, outras, trabalho com documentos e vou atrás”. O contato é também com demais cinegrafistas da própria emissora para ajudá-lo a registrar momentos impossíveis de serem captados: “Não posso estar em todo canto, então incentivo o cinegrafista a me ajudar”.

Pouco a pouco, as imagens capturadas pelo telefone celular consolidaram espaço no Jornal das Dez, na GloboNews. Antes, era preciso recorrer a uma moldura na tela para indicar que as imagens eram feitas com aparelho móvel. Depois de um tempo, esse recurso foi deixado de lado. Também houve, de forma progressiva, crescimento na quantidade de imagens capturadas por *smartphone* dentro do VT. Se no começo eram somente poucas sonoras, a GloboNews passou a exibir uma reportagem inteira com imagens registradas por telefone celular.

O advento dessas imagens na televisão implicou também certo reposicionamento na linguagem telejornalística, enraizada no Brasil. É o caso, por exemplo, da “passagem” – o momento em que o repórter aparece no vídeo. Nas matérias analisadas em que o repórter é o próprio cinegrafista, ele nunca surge no vídeo. Outra adaptação que o telefone celular demandou foi o espaço de comentário ao vivo, logo depois da exibição da reportagem. É nessa ocasião que a figura do repórter se revela para o público, tendo a oportunidade de comentar sobre aquilo que não gravou, fazer análise do contexto relatado, ou até mesmo discutir o que pode vir pela frente.

Vale lembrar que o tratamento dado ao conteúdo pela GloboNews, canal fechado de televisão, é diferente da abordagem feita pela emissora aberta do grupo, a TV Globo, em que o áudio de celular aparece sempre legendado, por exemplo. O próprio repórter Gerson Camarotti diz que “a TV aberta ainda tem um padrão de qualidade elevado em relação à imagem e o público estranha imagens mais cruas, mas elas têm força para ser notícia mesmo em um veículo de qualidade indiscutível”. Com maior emprego dessas imagens por parte dos canais abertos em grandes coberturas, a tendência é de que o tratamento que se dá ao material feito por telefone celular siga o mesmo caminho da televisão fechada.

Acrescento aqui a minha experiência na disciplina de telejornalismo na Universidade de Brasília (UnB). A exemplo das reportagens de Camarotti, produzi três reportagens usando somente o aparelho celular, todas editadas por mim. A primeira foi sobre o Restaurante Universitário da UnB. Não apareço em momento algum no vídeo. A segunda reportagem foi sobre o crescimento de ataques virtuais a *sites* de bancos no Brasil. A terceira tratou do programa Nota Legal no Distrito Federal e as críticas feitas sobre o retorno cada vez menor. Nessas duas, os VTs se assemelham mais a reportagens tradicionais, em que foi necessária uma pessoa para ajudar a gravar a “passagem” com meu *smartphone*.

A primeira reportagem foi bastante criticada. As reclamações eram sobretudo em relação ao barulho do som ambiente e à falta de luminosidade em alguns *takes*. Nas duas reportagens seguintes, a aceitação foi melhor. Nelas, as ressalvas eram sobre a proximidade do entrevistado em relação à câmera. Isso se deve ao microfone do *iPhone*, que precisa estar perto do objeto para captar melhor o áudio. Percebi que ainda existe uma resistência ao emprego de imagens de telefone celular e à nova estética que ele implica. As reportagens em que o repórter aparece, com estrutura semelhante ao que se vê todo dia nos telejornais do país, foram melhor aceitas. Porém, acredito se tratar aqui de uma questão de adaptação. Cito uma frase de uma colega de turma após a exibição do telejornal: “Agora que vi a reportagem pela segunda vez, nem acho que a entrevistada está tão em cima da câmera”.

Fato é que entender as possibilidades oferecidas pelos dispositivos móveis começa a gerar interesse por parte dos grandes veículos de comunicação do mundo. Tanto a BBC e a CNN dizem incentivar o uso de telefones celulares por parte de sua equipe. O canal britânico criou um tutorial ensinando a melhor forma de empregar o *smartphone* para gravar conteúdo. Já CNN elaborou um vídeo em que compara a qualidade das câmeras que usam com a do *iPhone*. Apesar da diferença ainda notória entre os equipamentos, o cinegrafista do canal de notícias americano diz que “não importa que *kit* você está usando: o que importa é você estar lá fora e sendo criativo”.

Compreender essa nova tecnologia também é tema de um curso realizado gratuitamente em novembro de 2014 pela Associação Nacional de Jornais (ANJ) e o Centro Knight para o Jornalismo nas Américas, da Universidade do Texas. Com apoio do Google, o curso tem como objetivo ensinar jornalismo móvel para jornalistas, professores e estudantes sobre tendências, práticas, usos e estratégias relacionadas a plataformas e dispositivos móveis.

Vale destacar que as empresas de comunicação exigem do recém-formado mais do que noção de tecnologia, exigem domínio desses novos aparelhos. Tanto na fase de registrar conteúdo, quanto no momento de editá-lo. O *Photoshop* e o *Adobe Premiere* — que permite manusear vídeos — vem pré-instalado nos computadores de repórteres de portais de notícias, por exemplo. O *smartphone* já faz parte do *kit* que o profissional de internet leva quando vai para a rua, sabendo que há cobrança de imagens ou áudios durante a cobertura por parte da redação. Essa demanda por habilidade técnica começa a atingir os demais profissionais do jornalismo, inclusive os de televisão.

Desta forma, este trabalho se propôs a ligar a exigência tecnológica exigida dos novos jornalistas ao pensamento crítico adquirido ao longo do período acadêmico. Certamente o telefone celular permite registrar imagens com potencial para serem exibidas em horário nobre na televisão. Mas o que diferencia o conteúdo realizado por um jornalista daquele produzido por um cinegrafista amador é a bagagem que tem ao pensar criticamente a notícia — do ponto de vista da apuração, mas também estético. Conceitos como o de “pirâmide invertida” ou da “proporção áurea”, na fotografia, continuarão norteando a prática jornalística.

Finalmente, graças a este estudo é possível depreender que, se o telefone celular já é um equipamento central no cotidiano das pessoas, também pode ser aplicado de forma produtiva na cobertura de notícias, trazendo uma mobilidade que não existia antes. O que temos em mãos é mais do que um aparelho que serve simplesmente para efetuar chamadas: é uma nova forma de fazer jornalismo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRITTOS, Valério Cruz. **A televisão no Brasil, hoje: a multiplicidade da oferta.** Comunicação & Sociedade, n. 31, p. 9-34, 1999.

DE MENDONÇA JORGE, Thais. **Manual do foca: guia de sobrevivência para jornalistas.** Editora Contexto, 2008.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de metodologia.** Saraiva, 2005.

FINGER, Cristiane. **Crossmedia e transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital.** Porto Alegre: Em questão, 2012.

FINGER, Cristiane. **Telejornalismo: uma linguagem multitelas.** Porto Alegre: PUCRS, 2013.

FINGER, Cristiane. **O telejornal em qualquer lugar: uma sondagem sobre a recepção de notícias nos dispositivos portáteis.** Conexão-Comunicação e Cultura, v. 12, n. 23, 2014.

FINGER, Cristiane; RANZAN, Bruna. **Telejornalismo Mobile: um estudo sobre a recepção das notícias no celular pelo público adultos/idosos.** Intercom, 2014.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta.** São Paulo: Hucitec, 1985.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência.** Aleph, 2008.

KUNCZIK, Michael; VARELA JR, Rafael. **Conceitos de Jornalismo: norte e sul- Manual de Comunicação.** Edusp, 1997.

LEMOS, André. Comunicação e práticas sociais no espaço urbano: as características dos Dispositivos Híbridos Móveis de Conexão Multirredes (DHMCM). **Comunicação, mídia e consumo**, v. 4, n. 10, p. 23-40, 2008.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli EDA. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. Editora Pedagógica e Universitária, 1986. Resenha de: MARFAN, M. Em Aberto, Brasília, ano 5, n. 31, jul./set. 1986.

MACHADO, Arlindo. **Pré-cinemas & pós-cinemas**. Papyrus Editora, 1997.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. Senac, 2000.

MARTINS, Juliana. **O Tempo e a Notícia**. 2009. 181 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói. 2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensão do homem**. Editora Cultrix, 1964.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **Globo News**. Globo Livros, 2006.

PEREIRA, Fábio Henrique. **Da responsabilidade social ao jornalismo de mercado: o jornalismo como profissão**. Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação, 2004.

RENAULT, Letícia. **O Esquema é Notícia: resgate de um telejornal pioneiro esquecido no tempo**. In: 2º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004, Florianópolis. 2º Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho, 2004.

SERRANO, Maria Estrela. **Jornalismo e elites do poder**. Ciberlegenda, n. 12, 2003.

SQUARISI, Dad; SALVADOR, Arlete. **A arte de escrever bem: um guia para jornalistas e profissionais do texto**. Editora Contexto, 2008.

YIN, Robert. K. Estudo de caso. **Planejamento e métodos**, v. 2, 2001.

VIZEU, Alfredo (Ed.). **A sociedade do telejornalismo**. Vozes, 2008.

FONTES ELETRÔNICAS E SITES PESQUISADOS

Cenários do Jornal Nacional, em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/telejornais/jornal-nacional/redacao-como-cenario.htm>>. Acessado em 23/9/2014.

Depoimento da diretora da GloboNews, Eugênia Moreyra, em:

<<http://memoriaglobo.globo.com/mobile/perfis/talentos/Eugênia-moreyra.htm>>. Acesso em 25/9/2014.

Fotos de celular no jornal *The New York Times*, em:

<http://www.huffingtonpost.com/2013/04/01/ny-times-instagram-photo-front-page_n_2991746.html>. Acesso em 1/10/2014.

Histórico da GloboNews, em:

<<http://www.robertomarinho.com.br/obra/globosat/divisao/globo-news.htm>>. Acessado em 23/9/2014.

Histórico do Jornal Nacional, em:

<<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2010/04/confira-historia-do-jn.html>>. Acessado em 23/9/2014.

Íntegra da pesquisa do Google sobre dispositivos móveis, em:

<[https://www.dropbox.com/s/r2xdjj9j1nd8ki7/Nosso%20planeta%20mobile%20\(Portugu%C3%AAs\).pdf?dl=0](https://www.dropbox.com/s/r2xdjj9j1nd8ki7/Nosso%20planeta%20mobile%20(Portugu%C3%AAs).pdf?dl=0)>. Acesso em 2/11/2014.

Lista de programas mais pirateados em 2013, em:

<<http://www.fastiis.org/news/federation-against-software-theft-reveals-software-piracy-victims>>. Acesso em 23/9/2014

Mudança no Jornal das Dez, da GloboNews, em:

<<http://glo.bo/HadyhP>>. Acesso em 2/10/2014.

Mudança no Jornal das Dez, da GloboNews, em:

<<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2012/04/andre-trigueiro-se-despede-do-jornal-das-dez-e-mariana-godoy-assume-apresentacao-do-telejornal.html>>. Acesso em 2/10/2014.

Número de *downloads* do aplicativo da GloboNews, em:

<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.globo.globonews&hl=pt_BR>. Acesso em 24/9/2014.

Número de linhas no Brasil, segundo a Anatel, em:

<<http://www.anatel.gov.br/Portal/exibirPortalNoticias.do?acao=carregaNoticia&codigo=32359>>. Acessado em 23/9/2014.

Pesquisa Brasileira de Mídia, em:

<<http://observatoriodaimprensa.com.br/download/PesquisaBrasileiradeMidia2014.pdf>>, acessado em 1/9/2014.

Reformulação da GloboNews, em:

<<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2010/10/globo-news-estreia-nova-identidade-visual.html>>. Acessado em 23/9/2014.

Sobre a implantação da televisão digital no Brasil, em:

<<http://www.dtv.org.br/>>. Acesso em 25/9/2014.

Sobre o movimento “Mídia ninja”, em:

<<http://youpix.virgula.uol.com.br/protestabr/5-links-uteis-para-voce-saber-mais-sobre-a-midia-ninja/>>. Acesso em 2/11/2014.

Sobre o uso da XDCam, em:

<http://comercial.redeglobo.com.br/agenda_comunicados/prorrogada_data_entrega_xdcam.php>. Acessado em 23/9/2014.

Tutorial da BBC para uso de smartphones, em:

<<https://www.youtube.com/watch?v=YsediltYmls>>. Acesso em 12/11/2014

Vídeo da CNN sobre *smartphones*, em:

<<http://edition.cnn.com/video/data/2.0/video/tech/2014/10/31/pkg-harvey-new-iphone-camera-test.cnn.html>>. Acesso em 12/11/2014

Vídeo de Gerson Camarotti que acabou sendo utilizado no Jornal Nacional, em:

<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2012/04/ex-diretor-do-dnit-aponta-ligacao-de-deputado-do-pr-com-delta.html>>. Acesso em 30/10/2014.

GLOSSÁRIO

‘Cobrir o *off*: usar imagens ditas “de apoio” para inserir no vídeo durante a narração.

Créditos ou GC: informações sobre o repórter, entrevistado ou conteúdo exibido.

Escalada: momento em que são anunciados os principais destaques do telejornal, como vitrine da edição.

Fac-símile: reprodução de algum material impresso.

Globosat: braço do Grupo Globo voltado para o setor de televisão a cabo.

HD: (*high definition*) alta definição de imagem.

Imagem de apoio: imagem necessária para preencher o vídeo durante a narração.

Máscara: moldura na imagem.

Matéria: material jornalístico, reportagem.

Off: no jornalismo, aquilo que é passado por fonte que não deseja ser revelada. No telejornalismo, também significa narração do locutor.

Passagem: momento em que o jornalista aparece no vídeo durante o VT. No final da matéria, chama-se encerramento.

Pauta: notícia, assunto que o repórter deve cobrir.

Pulitzer: principal prêmio internacional de jornalismo.

Quebra-queixo: entrevista coletiva em que a fonte é cercada por jornalistas.

SD: (*standart definition*) definição padrão de imagem, imagem analógica.

Selfie: quando o autor das imagens registra a si mesmo.

Smartphone: telefone celular de nova geração, que permite acesso à internet móvel e capaz de registrar conteúdo audiovisual, o qual pode ser compartilhado.

Sonora: fala do entrevistado na reportagem.

Stand up: quando o repórter dá a notícia mesmo sem imagens.

Take: pequeno trecho de imagem, arquivo de captura de vídeo.

Vídeo: no telejornalismo, aquilo que é mostrado no ar.

VT: *videotape*, reportagem de televisão gravada.

ANEXOS

Notas tomadas durante entrevista com o repórter Gerson Camarotti:

Camarotti H.
 Ve bem a política - Teresa
 há 19 anos. - Amador -
 espaço ao sh
 final de 2007
 Co em 2010 → cion em Rota -
 Não há que ter algum de política.
 TODO dia. agosto e dezembro.
 Trindade com Eliane -
 Pe re no período.
 → DIFÍCIL: "É 1 linguagem
 diferente. Falta gestual.
 Até hoje tenho problemas de delay -

Em 2012. Fico no New. -

Teve que largar o Globo.

"O que pesou foi a decisão
de sair p/ outros projetos."

→ "Sou fã de TV que algum dia
TV é? não tenho experiência, voz,
tanto porque". Não é o padrão
tradicional. Sou alguém que
trabalhe com o fundamento de
info, procurando o melhor."

→ Me chamaram, não sabia p/

onde ir.
Buenos Aires: quero q' ve faça me
TV o que se fez no Globo.

No 1º dia: fomos ler o edital
com o parágrafo: Cinejusta
entre em caso, e... ✓

As ideias de / converse de
 Europa: Fle bancar.

- 5
 AS
 PRAO 18
 & VE
 COP/AM

→ Não mostra. Fiqui
 cl adrenaline. A vida é
^{entre} ~~triste~~ ~~triste~~

→ Não tinha familiaridade cl
 celular. Eventualmente fosse
 p/ Globo.

“Pre não tanto fog plant,
 Supens.

Compens ten + ~~conos~~ aconteciment^o.

→ No papel de jornal não pode
 fazer isso. Sem de cultura do
 jornal. A internet ~~concep~~ a
 mostra.

→ "Estava me fascinado com a
 Pape. Tudo isso antecipar no
 VT. As coisas + sacras religião
 e política, ve humaniza-

70
8/10/00

→ Achei que é tão simples
 fazer edita. Pensei poder

→ É possível construir ^{As pessoas estão buscando que} ^{mas existem nada sem nome} ^{de tecnologia. Mas o que há} ^{simples} ^{gabarito} ^{edita} ^{subir no gabinete de pendente.} ^{sentas que já estão entre e} ^{outros que fazem.}

→ "Achei ótimo (usa) linguagem
 do futuro. (p/internet) e veja
 ainda em tv. Quase não
 fazer."

Antes tiravam a pena do
local normal.

" Criei isso no meu cotidiano,
pelo as penas que estão correndo,

Umin 53

" As penas ~~em~~ se tornam intimidadas

Esta gente ~~em~~ se dispõe a pegar
o celular (reparar).

Edmar de Campos + João Neves
já peguei → entendiam
muito linguagem "

Já cheguei a fazer 1 milhão. Era
preciso como pagar - rendido PNB
placô. Era 1 milhão justificável.
Preciso não. E vc se calar
de mais.

A TV aberta tem padrões
de qualidade elevado.

O público vai estranhar
imagem + áudio, mas que
tem força p/ a notícia.

Às vezes, manda pro blog.

Em um ponto. Às vezes ~~investigo~~
aviso. Vou atrás.

Faço questão de manter pro
editor. Escalho não has
imagem pro men off.

Mto mais trabalho.

Acorde quando clareia. 3h
de manhã de nae.

Vários sons chegam a
aceitar bateria. deve
carragebr. ✓

Trabalhe c/ mesmo aparelho.

"No início a máquina me
usar 1 em outra sonora
muito. Agora, chega até ser
todas vezes muito. Não tenho
verdade de chegar ser muito?"

Tenho 1 microfone focal que
não deu muito certo. Em lugares
semelhantes. Então? felhe. ✓

Às vezes me pegam o som bem
fundo que me aproxima.
A OUVIR TEM NOTÍCIA, VOU!!

"Às vezes as melhores maneiras
de ~~outra~~ ~~sem~~ de empurrar".

Tem que mostrar a história.
isso é história antes a
crise. O importante é
a notícia. Onde de arivar

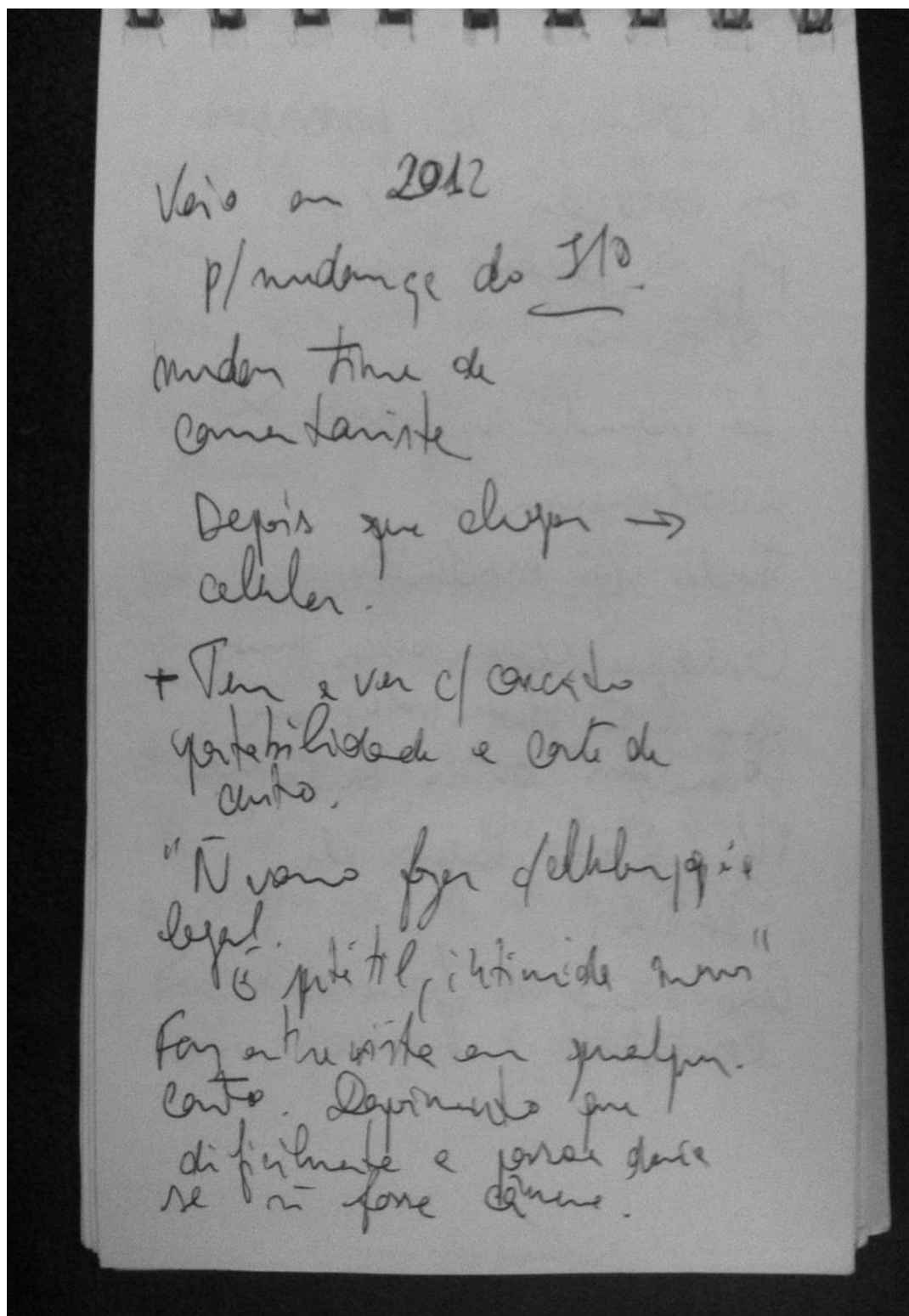
Não tenho equipe e isso
faz me dar a vontade.

Vou e/ou meu caso

O celular é de GloboNews.

~~"Sem apanha na te"~~

Notas tomadas com o supervisor da GloboNews em Brasília, Pedro Godoy:



No começo se precisava
ou colocar máscara
pq as pessoas iam
estrenhar.

Aí quando as pessoas se
acostumaram.

Tudo foi mudado.

Começo desenvolver filmes
que não desenvolvem em
nenhum outro canal
TV. É abordagem de
bastidor.

Aí espaço de filme e
conteúdo.

" Não tem sentido numa
 canal de TV ter a estrutura
 que uma agência de notícia
 tem que se barate e rápido.
 Não tem sentido carregar
 pessoas p/ fazer imagem "

Só Camerotti.

Prioridade Imagem do Camerotti

→ Precisa se adaptar à linguagem
 de TV. Hoje ele pensa como
 a imagem vai ser usada.

+ Faz também VT normal tom.
 com presença e tudo.

O celular é uma linguagem
de Globo News.

~~Existe~~

"A reportagem do Canabuto"
se encarrega o tipo de
reportagem que deve ser
feito por celular.

Os repórteres e produtores
não inventam nada p/ isso; foram

O celular só é usado quando
for necessário p/ as câmeras,
Há quem esteja ficando menor.

• Diretriz de Direção.

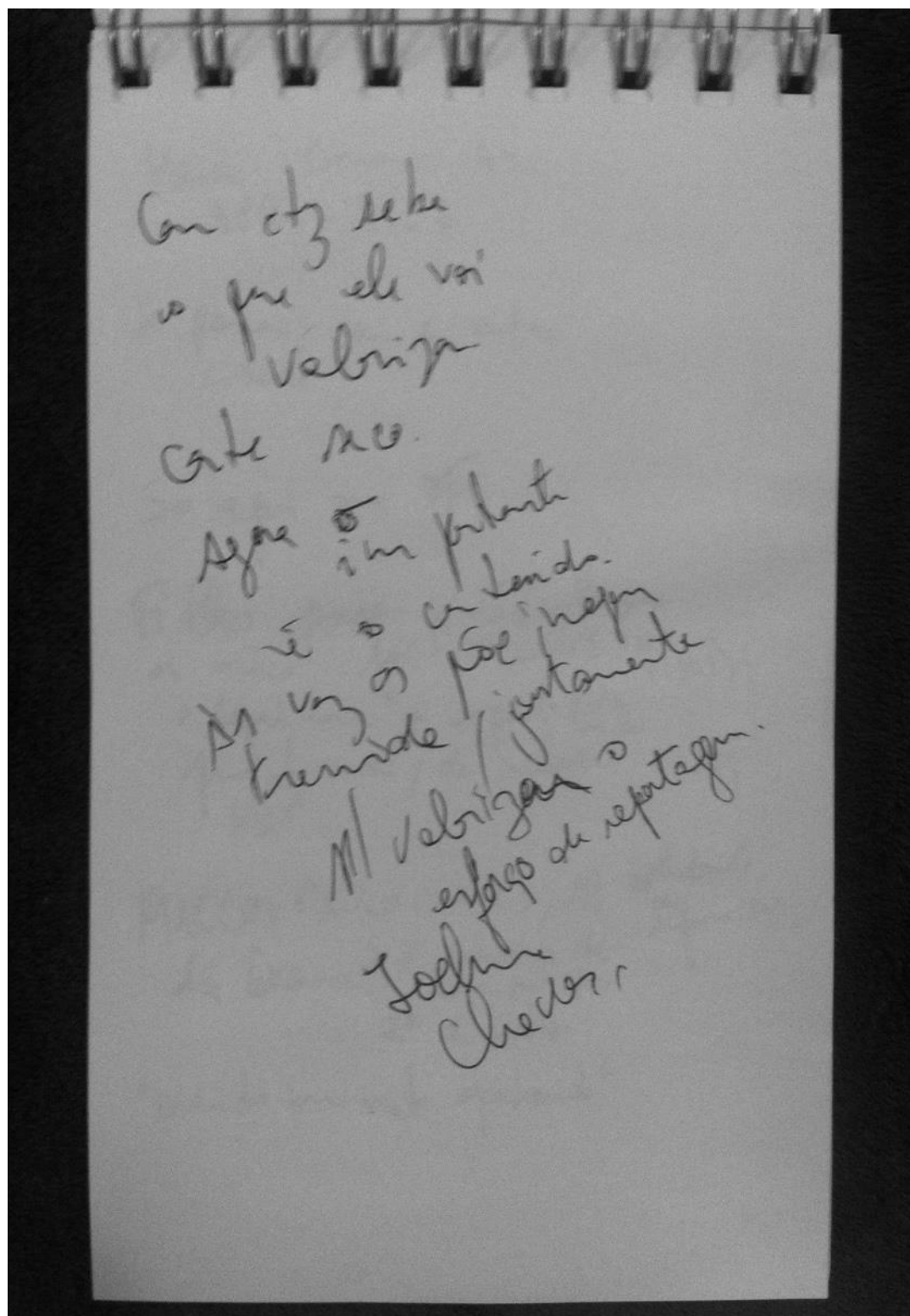
Os produtos de STF,
economia todos usam
iPhone e já foi
sempre no SW desde
produtor.

" A ditadura de qualidade
de imagem e caráter,
Agência e ditadura do
conteúdo. Se for importante,
vai ao ar!"

Cada vez + simples + individual -
multiplicar reduzindo apuro.

" Não faz sentido sair c/
caminhão no meio!
A qualidade está cada vez melhor."

Notas tomadas durante entrevista com a editora de texto Joelma Chaves:



1 ano
há 14 anos.
Abril de

5 de
partido

chegou em 194

As vezes tem 1
inequ que vale
e pena
fazer 1 texto

7 meses
com 10
longo de dia

de cu para tudo.
é importante de aqui
2 ou 3 perguntas.

→ chegou na tarde, mas tem
que dar 1 jeito, apressar
antes de se partir.

→ EXCLUSIVIDADE

A Câmara nervosa é intimada por de
imposto de Donato
o trabalho para
isto.

Notas tomadas durante entrevista com o editor de imagens Pedro Maia:

desde outubro 2012

desde 2013 julho

desde o começo foi com celular, com camarotti

passei a criar mt coisa da linguagem dele. aí me deixaram como quase fixo dele.
os colegas têm 1 pouco de preconceito pq acham que a qualidade é ruim, mas é otura linguagem. quase 1 outro jeito de editar

linguagem mais crua. mto mais ligaga à internet que televisão.

23 anos. com ctz o fato de eu ser jovem, acompanhar vlogs contribui pra isso.

dá um trabalho a mais. pq ele usa o celular pra fazer chamadas. ja aconteceu de perder sonora pq o camaortit estava ocupado ligando pras fontes.

ja aconteceu de ele apertar stop antes de chegar a sonora.

evoluiu? com ctz. pq ele proprio cirou a linguagem e ele mesmo cjhegou a se atualizar na linguagem.

a nao ser que sejam imagens de bastidores, sempre temos imagem de bastidor e da rede. e damos prioridades à dele pra mostrar que as imagens do camarotti estao em todos lugares. inclusive aqueles que a gnt nao chega.

o processo de edição é mais rapido. pq ele inclusive ja me indica "esse off, pensei nesse take especifico". nao é chato. >>> como é uma linguagem que tá em criação, é bom pq ele dá as ideias dele e vc tbm pdoe dar sua ideia. ele tem propriedade pra dar o pitaco pq ele mesmo fez as imagens. o repórter no geral sempre vai tentar colocar o trabalho dele acima.

como o foco dele é o celular, ele vai nos bastidores. o celular vai onde as nossas câmeras nao chegam.

a geração da tv globo adquiriu 1 equipamento pra passar as imagens do camarotti em HD. especialmente. antes era em SD.

muitas vezes a gente perdia nitidez por conta do hd simulado. agora tem possibilidade de ter mais definição e mais informação na imageml.

a gente tenta fazer imagem mais aberta pro gc nao sair em cima da pessoa. a própria estruturação do VT (off sonora off sonora).

aos poucos a tendencia da news é se aproximar da população. a aprtir do momento que vc coloca uma caemra grande, vc intimida. com celular, vc se aproxima mais do telespectador pela linguagem amadora.

a partir do momento que vc começa a editar, a gente pede: faz mais imagens de cobertura, mais sonora, mais longe, mais perto. ME DÁ OPÇÕES. antes me diziam que o material é ruim.

em ambiente que tem mto barulho, tenho que arrumar na pós-edição. dá trabalho. pq é uma coisa que o câmera já mudaria na camera.